



Seu Dinheiro, Suas Regras:

Guia de Educação Financeira para Famílias



© Copyright 2024.
Centro Universitário São Camilo
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
Seu Dinheiro, Suas Regras: Guia de Educação Financeira para Famílias

REITOR
João Batista Gomes de Lima

VICE-REITOR e PRÓ-REITOR ADMINISTRATIVO
Francisco de Lélis Maciel

PRÓ-REITOR ACADÊMICO
Carlos Ferrara Junior

PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenadora Editorial
Bruna San Gregório

Analista Editorial
Cintia Machado dos Santos

Assistente Editorial
Bruna Diseró

Organizador
Cristiano de Souza Corrêa

Autores
Jocasta Hanna Jesus Oliveira Pereira
Reinaldo Nascimento da Silva



A661

Seu Dinheiro, Suas Regras: Guia de Educação Financeira para Famílias / Cristiano de Souza Corrêa (Org.). -- São Paulo: Setor de Publicações - Centro Universitário São Camilo, 2024.

117 p.

Vários Autores

ISBN 978-65-86702-89-7

1. Administração 2. Finanças pessoais 3. Planejamento financeiro 4. Aposentadoria 5. Investimentos 6. Dinheiro I. Corrêa, Cristiano de Souza II. Título

CDD: 658.15

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Ana Lucia Pitta CRB 8/9316

Trabalho acadêmico que apresenta o produto elaborado da monitoria de matemática financeira do curso de Administração, sob a orientação do Prof. Cristiano de Souza Corrêa, como um dos requisitos para avaliação.

A PRESENTAÇÃO



Em janeiro de 2023, provoquei meus alunos do curso de Administração a participar de um projeto de monitoria, o qual, inicialmente, serviria de apoio aos demais colegas de sala. Dois desses alunos se manifestaram prontamente. Foram eles a Jocastra e o Reinaldo. Eles dedicaram muitas horas, inclusive aos finais de semana e feriados, para ajudar os demais colegas de turma com as dificuldades naturais da disciplina.

No decorrer do semestre e conforme a monitoria avançava, sabíamos que seria necessário um entregável, um produto ou algo que pudesse traduzir todo o empenho e trabalho da árdua tarefa que é ensinar e auxiliar o próximo.

Ensinar disciplinas quantitativas tem sido meu desafio desde o início da carreira. Sabemos das dificuldades de base, das limitações do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e da continuação que acaba por se dar no ensino da matemática aplicada, neste caso, da matemática financeira.

Muitas eram as dúvidas dos diversos alunos e alunas do curso; porém, sempre busquei apresentar um viés mais prático e relacionado ao dia a dia. A matemática envolvida na sala de aula é muitas vezes composta por fórmulas, equações e por diversas variáveis a serem observadas. O desejo era traduzir tudo aquilo para qualquer pessoa que tivesse interesse em entender um pouco mais de como a matemática financeira é aplicada em questões como orçamento, dívidas, investimentos e aposentadoria.

Foi deste ponto em diante, e com o desafio lançado, que surgiu a ideia de apresentarmos de forma pragmática e objetiva um trabalho que pudesse refletir todos os aspectos cotidianos de um tema tão importante e tão negligenciado. O trabalho que você lerá adiante traduz um pouco dessa essência prática e do esforço dos brilhantes alunos em desenvolver algo que fosse aplicável e útil para qualquer pessoa, tendo ela conhecimento em matemática ou não, bem como se baseou nas dúvidas trazidas em sala de aula.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos para facilitar o encadeamento do tema e será apresentado em unidades. De forma descontraída e direta, desejo que este trabalho possa auxiliar a todos aqueles que desejam entender um pouco mais sobre este tema árido com a leveza de dois alunos empenhados em fazer o melhor.

Prof. Cristiano de Souza Corrêa

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Objetivos.....	09
Mensagem dos autores.....	10
01. O dinheiro é meu: orçamento.....	12
Unidade 1: Meu dinheiro, meu futuro.....	13
Unidade 2: Seu dinheiro vale mais do que você pensa	17
Unidade 3: Cadê meu dinheiro?.....	25
02. O dinheiro que não é meu: dívida para que te quero.....	35
Unidade 1: Se combinar direito pode funcionar.....	36
Unidade 2: Use com moderação.....	42
Unidade 3: Estou devendo: E agora, como vou pagar?	48
Unidade 4: Vou tirar o seu nome do SPC.....	54
03. O dinheiro que trabalha: Investimentos.....	60
Unidade 1: Coloque seu dinheiro para trabalhar.....	61
Unidade 2: Aplicação não é o que sobra.....	66
Unidade 3: Escolhendo o melhor investimento para	74
minha renda.....	
Unidade 4: Investindo em imóveis sem ter imóveis.....	83
04. Meu dinheiro garantindo a minha aposentadoria.....	89
Unidade 1: De quanto eu preciso para viver de renda?	90
Unidade 2: Um seguro para me manter seguro.....	97
Unidade 3: Quem planta, colhe.....	103
Unidade 4: Visão sem ação é sonho, ação sem visão é	
pesadelo.....	108
Considerações finais.....	113
Referências.....	115

INTRODUÇÃO



Você ganha pouco ou gasta muito? Se o seu dinheiro frequentemente termina antes do final do mês ou se o novo salário já está comprometido e você está utilizando o cheque especial antes das contas do final do mês, talvez você deva responder a essa pergunta para não piorar ainda mais as coisas.

Nesta situação, é muito provável que esteja faltando controle das despesas. Quando digo controle, quero dizer que você precisa conhecer para onde vai o seu dinheiro. Fazer um orçamento para registrar suas despesas e o quanto elas representam na sua receita pode te ajudar a sair de uma situação difícil. Conhecendo-se um pouco melhor, você talvez descubra que será necessário cortar alguma coisa e definir aquilo que é mais prioritário para você. É trabalhoso? Sim, mas é indispensável se você quiser manter uma vida tranquila e sem ter que se preocupar com qual conta você irá deixar de pagar no final do mês.

Este material foi desenvolvido para lhe ajudar a controlar suas finanças pessoais, tomar decisões, planejar o futuro e criar patrimônio que possa gerar renda para a sua tão sonhada e tranquila aposentadoria. Você vai saber também que crédito é bom, mas que não é barato e, principalmente, aprenderá a planejar antes de contrair dívidas e a usá-lo com moderação para viabilizar objetivos de grande significado em sua vida. Às vezes, nem tudo sai como esperamos e, caso isso tenha acontecido com você, um tópico especial lhe ajudará a negociar as suas dívidas e, principalmente, tirar o seu nome do SPC.

Investir parte da sua renda e ganhar rendimento é uma excelente estratégia para reduzir a dependência da renda proveniente do seu trabalho. Escolher o tipo de investimento mais adequado não é uma tarefa trivial. Não existe o melhor investimento ou investimento sem risco.

Quando a rentabilidade é alta, os riscos também são. Como investir, então? Buscando alinhar o tipo de investimento com o seu objetivo, conhecendo produtos tradicionais do mercado, os riscos e custos envolvidos neles. Disciplina, tempo e rendimentos são seus aliados para aumentar a sua riqueza. Você não saberá os números da loteria, mas com certeza aprenderá a ter um resultado muito positivo no médio e longo prazo.

Também vamos aprender que seu dinheiro pode gerar proteção e conveniência. Há perigos por toda parte e muitos deles são inevitáveis. Alguns podem ser transferidos para uma boa companhia de seguros, de forma que conhecer as modalidades e estabelecer as proteções que são necessárias para você merecem sua atenção.

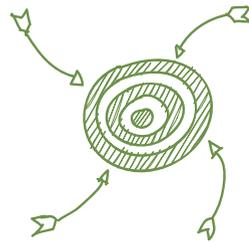
Planejar e acumular dinheiro para sua “melhor idade” é um desafio e tanto e, com certeza, é o planejamento de longo prazo mais importante de nossa vida. Quanto mais cedo for pensado e colocado em prática, mais facilmente será alcançado.

No final das contas, muito dinheiro passará por suas mãos durante a vida. A decisão de gastar ou poupar é sua. A escolha de quanto e como gastar também é. Seu patrimônio líquido será fruto das suas decisões financeiras tomadas e decisões equivocadas podem destruir um patrimônio.

Refleta sobre o significado do dinheiro em sua vida, pense e planeje seu futuro, sem deixar de viver o presente.



OBJETIVOS



Após concluir o estudo deste curso, você será capaz de:

- Elaborar e utilizar um orçamento para controlar receitas e despesas, permitindo a construção de seu patrimônio e a realização dos seus sonhos.
- Usar o crédito com moderação, utilizando-o para a realização de projetos na sua vida.
- Colocar o seu dinheiro para trabalhar para você, utilizando produtos financeiros que estejam alinhados aos seus objetivos.
- Planejar a tão sonhada aposentadoria, buscando um patrimônio que proporcione segurança e conforto para você e sua família.



M

ENSAGEM DOS AUTORES



Caro(a) Leitor(a),

Você acorda cedo, pega o transporte lotado, enfrenta trânsito, barulho e finalmente chega ao local de trabalho. Trabalha o dia todo com muito esforço e afinco e, no final do dia, pega de novo o transporte lotado, trânsito, barulho, etc. Isso todos os dias da semana. Claro, no final do mês tem a recompensa: o fruto do seu trabalho e do seu esforço. Logo você percebe que o dinheiro pode ser insuficiente e que todo o esforço vai embora em meia dúzia de boletos. Você não aumentou o seu patrimônio e principalmente não fez nada pelo seu futuro. É exatamente isso que eu gostaria de evitar que acontecesse em sua vida. Foi pensando nisso que escrevemos, em cada página, em cada linha, uma forma de você compreender que é possível sair da corrida dos ratos.

Planejar suas finanças é ter uma vida melhor, confortável e sem apertos. E não importa se você ganha muito ou pouco. O importante é ter controle das suas despesas e, principalmente, ser um recebedor de juros, e não um pagador. Claro que essa não é uma tarefa simples, até porque, se fosse, todas as pessoas o fariam e não existiria inadimplência. Nesse sentido, tudo que foi desenvolvido está pensado dentro de um contexto prático, objetivo e aplicável. Não existem finanças pessoais teóricas. É tudo na prática e o protagonista desse planejamento é você e a sua vida.

Conhecer finanças pessoais é como andar de bicicleta. No começo é difícil, ficamos totalmente desequilibrados e eventualmente caímos. O importante de quando cairmos é estar totalmente protegidos para que possamos prosseguir com o mínimo de dano. A vida é assim: dinâmica e nunca saberemos o dia de amanhã. Contudo, é possível se preparar para ter um futuro muito melhor. A chave disso tudo? O conhecimento. Não temos a pretensão de você virar um expert em finanças, porém tudo o que foi escrito e desenvolvido neste material pode levar a sua vida para outro patamar. Existe um ditado no mercado financeiro de que não existe lanche grátis. Por isso, é necessário conhecer as melhores opções e, principalmente, começar a pensar nesse assunto como um divisor de águas na sua vida. Para uma escolha, necessariamente há uma consequência.

Seu engajamento é essencial para o seu sucesso nesta jornada!

BOA LEITURA!

Prof. Cristiano, Jocastra e Reinaldo.



**O DINHEIRO É MEU:
ORÇAMENTO**

01

UNIDADE 1

M

EU DINHEIRO, MEU FUTURO



A grande maioria das pessoas tem a sensação de que ou gasta demais ou realmente ganha muito menos do que deveria. Afinal, o dinheiro nunca é suficiente. E o engraçado é que isso acontece mesmo depois de a pessoa ter sido promovida, recebido aumento ou bonificação. O pior disso tudo é que, além de gastar tudo o que se ganha, ainda se gasta o dinheiro do outro. Neste caso, o outro é o banco, seu fiel amigo e “salvador” de todos os problemas financeiros.

A grande dificuldade ao planejar e controlar suas despesas está no fato de que elaborar um orçamento não é uma tarefa tão empolgante assim, principalmente porque, quando você compreende onde estão os “problemas”, você obrigatoriamente precisa tomar uma decisão. Nesta situação, tomar uma decisão significa ter que abrir mão de algum gasto ou deixar de fazer algo que gostamos muito. Cortar despesas não é algo simples, pois mexe, além do nosso bolso, no nosso psicológico. Como não é algo bom de se fazer, acabamos por não fazer e, com isso, iniciamos a “corrida dos ratos”. O link a seguir mostra exatamente o que acontece conosco nessa situação:

Não se preocupe se essa é a sua situação. Para tudo existe uma solução e o que foi planejado neste curso é justamente pensado para sair dessa situação. Quando falamos de finanças pessoais, uma das grandes questões está relacionada com o fato de, muitas vezes, comprarmos primeiro, pensando em dar um jeito de pagar depois. Isso normalmente significa deixar de pagar alguma conta, atrasar outras ou, pior ainda, achar que a dívida irá sumir, desaparecer ou algo que o valha. Afinal de contas, é difícil resistir a um desconto de 30%, a um jantar em um restaurante novo ou a um carro novo.



Um ponto que você deve pensar é que a satisfação imediata que você terá no momento da compra será totalmente frustrada pela preocupação de arcar com os compromissos futuros. A grande questão é: qual o melhor a fazer nesta situação? Uma palavra responde com tranquilidade a essa questão: equilíbrio. Legal! Mas como ter equilíbrio?

Para responder a essa segunda pergunta, é necessário pensar totalmente em atitudes, e não em soluções milagrosas. Atitude, neste caso, relaciona-se com gastar de acordo com aquilo que você ganha e planejar com antecedência, escolhendo com base em suas possibilidades atuais e, principalmente, em prioridades. Para definir essas prioridades, um dos grandes aliados é o Orçamento Familiar. Com ele, é possível executar todo o planejamento de prioridades, conhecer todas as nossas dívidas e o estabelecimento de objetivos.



VOCÊ SABIA?

O endividamento na capital paulista atingiu 60,5% dos lares em novembro de 2023, registrando mais um recorde histórico, com o maior nível desde 2010. O resultado significa que 2,38 milhões de famílias permaneceram com algum tipo de dívida. Os dados são da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), realizada mensalmente pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), divulgada na sexta-feira, 13 de outubro de 2023. Em relação ao mesmo período de 2018, o levantamento mostra que houve alta de nove pontos percentuais. Na comparação com outubro, a elevação foi de 0,7 ponto percentual. Apesar da expansão do nível de endividamento, a inadimplência caiu, passando de 22,8% em outubro para os 21,9% em novembro de 2023. A dificuldade de pagar contas atrasadas ainda estava, no entanto, mais alta do que em novembro de 2022 e atingiu 862 mil famílias.

Fonte: <https://exame.abril.com.br/economia/divida-recorde-das-familias-paulistanas-atinge-605-em-novembro/>. Acesso em: 2023.

Uma boa maneira de começar é entendendo o nosso comportamento de gastos. Para isso, você deverá, durante um determinado período, que pode ser algumas semanas, controlar rigorosamente todas as suas despesas, todos os seus gastos, até os últimos centavos. Não espere que essa tarefa seja algo maravilhosamente bom, pois não será. Controlar é chato e repetitivo. Porém, se você tiver um pouco de paciência consigo mesmo, verá que ao final de algumas semanas você saberá exatamente para onde vai todo o seu dinheiro. Com base nessas informações, você conseguirá planejar melhor o que fazer. É muito difícil realizar um planejamento “no escuro”, com base somente no *feeling* que você acredita ter sobre as suas contas. A verdade é que, na maioria das vezes, aquilo que você acha que gasta é muito maior ou muito menor.

Uma vantagem que está a seu favor é o tempo. Na verdade, o tempo, ao mesmo tempo que está ao seu favor, também pode ser o seu maior inimigo. Diferentemente de outras riquezas que buscamos acumular em nossas vidas, o tempo é algo que recebemos ao nascer, cuja contagem regressiva se inicia naquele exato momento. Não sabemos quanto tempo a mais ou a menos teremos pela frente, porém você deverá utilizá-lo para maximizar o seu patrimônio. Nas próximas unidades, tudo ficará muito mais claro para você.

Assim como o tempo, o dinheiro pode parecer escasso para você, visto que não temos dinheiro para fazer tudo o que gostaríamos de fazer, para o que precisamos e, principalmente, merecemos. Quando você trabalha, você vende o seu tempo para o seu empregador, vende a sua mão de obra, a sua inteligência etc. Neste ponto, voltamos à questão inicial: você ganha muito ou pouco? Independentemente se é muito ou pouco uma coisa é fato: o dinheiro é seu! Ele é fruto do seu trabalho, do seu esforço, do seu suor e, obviamente, ninguém melhor do que você mesmo para dizer o que fazer com ele. Uma coisa que você pode fazer é dividir o seu salário por horas e minutos. Pegue a carga horária que você trabalha e divida pelo seu salário. Você ficará espantado! Por exemplo: se você trabalha 220 horas mensais (44 horas por semana) e ganha líquido R\$ 3.000,00, você recebe R\$ 13,63 por hora de trabalho. Se quiser fazer a conta por minuto, é só dividir por 60 (1 hora = 60 minutos), o que resultará em: R\$ 0,227. Ou seja, você ganhará pouco menos que R\$ 0,23 por minuto trabalhado.



NA PRÁTICA

Comece do início. Nas primeiras tentativas, é bem provável que você encontre muitos obstáculos. Não desista, continue tentando. Depois de um tempo, aquilo que parecia chato começará a fazer sentido e você conseguirá ver os resultados. Anote no celular, em um pedaço de papel, e faça isso na hora que o evento acontece. Não deixe para fazer no final do dia ou quando chegar em casa, pois a chance de você esquecer é muito grande.

Controlar despesas não será a coisa mais legal que você fará em sua vida, nem de longe a mais empolgante. No entanto, caso você consiga fazer isso (e você vai conseguir!), ficará muito claro que pode não haver dinheiro suficiente para tudo o que você quer fazer neste momento. Invariavelmente, será necessário abrir mão de algumas coisas agora, neste momento, para construir algo melhor no futuro.

UNIDADE 2



S

EU DINHEIRO VALE MAIS DO QUE VOCÊ PENSA

O brasileiro é acostumado a comprar a prazo. Na verdade, os famosos carnês se propagaram como uma eficiente forma de consumo, tanto que a grande maioria das lojas oferece algum tipo de parcelamento, seja direto ou através dos crediários, disfarçados no cartão de crédito da loja.

O que muitas vezes nos esquecemos é que o valor a prazo nunca poderá ser igual ao valor à vista, por um motivo muito simples: o valor do dinheiro no tempo. Parte da perda desse valor está associada à inflação, ou à diminuição do poder de compra do seu dinheiro, ou seja, quanto mais o tempo passar, menos o seu dinheiro valerá.

Um exemplo simples: um eletrodoméstico pode ser comprado à vista por R\$ 1.949,00 ou financiado em 24 parcelas de R\$ 127,10. Esse financiamento esconde uma taxa de juros de quase 4% a.m. Você olha para o valor e percebe que não pode pagar quase dois mil reais, porém, percebe que uma prestação de cento e vinte poucos reais é tranquila, encaixa no orçamento e você conseguiria pagá-la sem nenhum tipo de dificuldade. Ocorre que, se você fizer uma conta simples multiplicando o valor da prestação pela quantidade, perceberá que, no final, você pagará quase R\$ 1.000,00 a mais. Pense que, com esse dinheiro, daria para comprar outro eletrodoméstico.

Tenho absoluta certeza de que você se identificou com esse pequeno exemplo ou conhece alguém que já tenha feito isso. Infelizmente, ao pensar na parcela, você acaba desembolsando mais e esquece que poderia até negociar um preço melhor se fosse pagar à vista. Com um pouco de planejamento e organização, você consegue comprar mais coisas com o mesmo dinheiro. A ideia aqui é que você se entenda consigo mesmo para planejar suas contas e, para isso, envolva sua família. Agora que já sabe que pode comprar mais coisas com o mesmo dinheiro, você só pagará mais caro se quiser. Você terá que fazer escolhas, como tudo na vida.



NA PRÁTICA

No momento de comprar qualquer coisa, faça uma conta simples. Multiplique o valor da parcela pela quantidade e verifique o valor final. Peça desconto para pagar à vista (mesmo que não vá pagar) e compare com o valor parcelado. Essa diferença é o quanto você irá perder se comprar parcelado.

Outro ponto muito importante que vai diretamente ao encontro de você valorizar o seu dinheiro é o controle de gastos. É difícil valorizar algo se não conhecemos o que é. Aprenda a controlar os seus gastos de maneira simples e identifique quanto cada um deles representa na sua renda total. Você irá se assustar com o quanto pequenas coisas do dia a dia impactam a nossa renda. Cinco aqui, dois ali, sete acolá se transformam milagrosamente em R\$ 150,00 ou R\$ 300,00 em um mês, ou em mais de R\$ 3.500,00 em um ano!

Para te ajudar nesta jornada, apresento um exemplo bem simplificado de como controlar para onde está indo seu dinheiro. Pense em um método prático e fácil para fazer as anotações das despesas. O mais importante é classificar por natureza, observar a variação em relação ao mês anterior e observar quanto cada despesa representa no orçamento total. No item carro, por exemplo, além das despesas mensais, some as anuais (seguro, IPVA, manutenção etc.) e divida por 12 (quantidade de meses do ano). Dessa maneira, você fará uma reserva para essas despesas e, ao mesmo tempo, saberá quanto custa ter e manter um carro.

Natureza	Histórico	Mês atual em R\$	Mês anterior em R\$	% sobre o total
Moradia	Aluguel, prestação do imóvel, condomínio, IPTU, luz, água, manutenção, empregada doméstica, segurança, seguro etc.			
Alimentação	Supermercado, padaria, açougue, feira, refeição no trabalho, restaurante, cafezinho.			
Transporte	Ônibus, metrô ou trem, prestação do carro, IPVA, seguro, combustível, manutenção, estacionamento, pedágio.			
Educação	Mensalidade escolar, cursos diversos (idiomas, dança etc.)			
Saúde	Plano de saúde, médico, dentista, clínica, farmácia			
Comunicação	Telefone fixo, telefone celular, TV a cabo, Netflix, internet, revista, jornal.			
Lazer	Restaurante, bar, passeio, cinema, show, viagem, clube.			
Poupança	Projetos futuros a curto, médio e longo prazo			
Total		R\$	R\$	100%

Tabela 1 - Orçamento pessoal
 Fonte: Adaptado de Dessen (2015).

Se você gosta e tem facilidade com tecnologia, poderá até baixar um aplicativo para te ajudar nessa jornada. Existem vários, de diversos tipos e grau de complexidade. Escolha aquele que você entende ser o melhor.



VOCÊ SABIA?

Mobills

Como funciona: permite o gerenciamento de diversos cartões de crédito na mesma interface, na qual é possível acompanhar o limite e o valor da fatura, por exemplo. Também possibilita o controle de despesas e receitas, a partir de gráficos e relatórios, além da criação de categorias e planejamento com metas e orçamento.

Por que usar? Entre os diferenciais, há a opção de gerenciar despesas por geolocalização, o que permite ao usuário saber onde tem gastado mais. Também é possível sincronizar dados na nuvem, que podem ser acessados em quaisquer plataformas. Usado por mais de 3 milhões de pessoas, está disponível nas versões gratuita e paga, para iOS, Android e web.

Organizze

Como funciona: reúne todos os dados financeiros, como cartão de crédito, poupança e conta corrente, na mesma plataforma. Oferece alertas de contas a pagar e a receber e a possibilidade de criação de metas de gastos mensais. Dispõe de relatórios de fácil leitura e permite a criação de etiquetas, ou *tags*, para os lançamentos.

Por que usar? Ideal para quem está focado em planejamento e precisa identificar, com precisão, o destino dos gastos. Permite o uso *off-line* e oferece a opção de não incorporar dados bancários. Usado por mais de 2 milhões de pessoas, também está disponível em versões gratuita e paga, para Android e iOS.



Guia Bolso

Como funciona: sincroniza todas as despesas de forma automática, incorporando dados bancários após o consentimento do usuário. Também cria, de forma automática, categorias de gastos e dispõe de alertas, que apontam possíveis exageros, para evitar que a situação saia do controle.

Por que usar? Poupa esforços de colocar, manualmente, todas as despesas, e oferece serviços adicionais, como empréstimos pessoais a juros mais baixos, cartões e investimentos. Também conta com dicas personalizadas para ajudar a organizar-se em momentos de dificuldade financeira. Disponível para Android e iOS, em versões gratuita e paga.

Fortuno

Como funciona: permite o lançamento de receitas e despesas a partir da vinculação de contas bancárias e cartões de crédito. Cria um balanço mensal na forma de gráficos e relatórios e notifica o vencimento de pendências financeiras.

Por que usar? De interface simples e atraente, oferece opções de customização, com diversas cores e categorias de gastos. Também permite que os dados sejam exportados em planilhas, fora do aplicativo. Disponível em versões gratuita e paga, apenas para Android.

Toshl Finance

Como funciona: permite a integração automática de dados bancários, ou manual de despesas. Também possibilita a importação de ficheiros externos em formato de Excel, e a criação de gráficos de fluxo mensal, em diferentes formatos, como circulares ou de bolha.

Por que usar? Boa opção para quem quer usar diferentes tipos de moeda, já que tem suporte para cerca de 200 divisas, incluindo 30 criptomoedas. Também permite o armazenamento de fotos de recibos, gastos por geolocalização e orçamentos por categorias. Com mais de 2 milhões de usuários, está disponível nas versões gratuita e paga, para Android e iOS.



Spendee

Como funciona: possibilita o rastreamento de contas de forma automática ou a inclusão de gastos manualmente. Oferece diversos tipos gráficos e infográficos para ilustrar os fluxos mensais e ajudar no planejamento financeiro.

Por que usar? Com *design* prático e simples, é de fácil navegação para diversos públicos. Oferece a opção de compartilhar carteiras com amigos e o manejo de diversas moedas. Disponível nas versões gratuita e paga, para iOS e Android.

Orçamento fácil

Como funciona: permite o gerenciamento de despesas e rendas diárias a partir de categorias, acompanhamento de contas e cartões de crédito, além da criação de gráficos e uso de calendário.

Por que usar? Interface amigável e customizável, indicado para um usuário que não tem familiaridade com controle de gastos ou que nunca usou um aplicativo financeiro antes. Disponível nas versões gratuita e paga, para iOS e Android.

Jimbo

Como funciona: desenvolvido pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban), permite o registro e a categorização de despesas do dia a dia, organizadas por categorias. Também disponibiliza fluxos mensais a partir de gráficos.

Por que usar? Indicado para quem quer evitar contrair dívidas e também se planejar a longo prazo. O aplicativo oferece a opção da criação de sonhos e o monitoramento para saber como evolui a poupança do usuário para realizá-los. Também fornece dicas e conteúdos sobre educação financeira. Disponível para Android, iOS e Windows.



B3

Como funciona: a bolsa brasileira oferece uma planilha de controle de gastos e investimentos, organizada em receitas e despesas — fixas, variáveis, extraordinárias e adicionais. Reúne em uma aba o orçamento de todo o ano.

Por que usar? Ideal para organizar melhor os investimentos, já que a planilha também prevê o lançamento do dinheiro investido em ações, renda fixa, Tesouro Direto, Previdência, entre outras aplicações. Mais intuitiva que o Excel, é uma opção para quem não tem tanta familiaridade com planilhas.

Idec

Como funciona: o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) disponibiliza uma planilha que permite prever rendimentos para o mês à frente e contabilizar contas parceladas, por meio de funções matemáticas, projeções e gráficos.

Por que usar? Indicado para quem tem familiaridade com o Excel e quer aperfeiçoar o controle das finanças, com mais planejamento. O uso é mediante o preenchimento de um cadastro no site da instituição.

Minhas economias

Como funciona: permite o cadastro de receitas, despesas e transferências, além do acesso ao saldo de contas, análise de gráficos, alertas e transações divididas em categorias. Produz relatórios e o acionamento de lembretes para não atrasar contas.

Por que usar? Indicado para quem se preocupa com o futuro, oferece a opção “gerenciador de sonhos”. Entre outros diferenciais, possibilita a compra de fundos de investimento e o monitoramento de indicadores financeiros. Gratuito, disponível em *desktops* e *smartphones*, para Android e iOS.

Fonte: CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/04/09/10-aplicativos-e-planilhas-digitais-para-ajudar-a-organizar-suas-financas>

Infelizmente, são poucas famílias que fazem o orçamento mensal, planejam gastos antes de incorrer (porque depois que gastou, já foi) ou estabelecem limites e param quando o dinheiro acaba. Um orçamento, por mais simples que seja, requer muita disciplina e, obviamente, ninguém quer ser o chato controlador que fica dizendo “isso não pode”, “já gastamos muito”, “esse mês não dá”, “não pode isso”, “não pode aquilo”.

Assim, rapidamente, nosso cérebro, engenhoso como é, começa a nos incentivar. Sabe a história do anjinho e do diabinho? Então, ela entra aí. A emoção e a razão começam a se enfrentar e a emoção ganha muitas batalhas. Aí começa: “A gente trabalha tanto para quê?”, “Me sacrifiquei tanto, pego ônibus lotado, recebo bronca do chefe e não posso gastar meu dinheiro?”.

Eu, particularmente, acho engraçado quando a pessoa vira e diz: “Vamos dar um jeito! Vamos comprar que depois damos um jeito”. Eu fico pensando muitas vezes qual jeito seria esse. O milagre da multiplicação? Aumento da renda com um passe de mágica? Não existe lanche grátis, diz um jargão do mercado financeiro. Se você gasta mais do que ganha, ou você vai se endividar através de um empréstimo ou crediário, ou você deixará alguma conta sem pagar. Não acredite em milagres que não são possíveis de ocorrer!

Quem pensa dessa forma normalmente são aqueles que mais estão endividados e são do time que gasta mais do que ganha e isso ocorre, possivelmente, porque não existe um orçamento que impeça a pessoa de gastar mais do que pode, ou que pelo menos a alerte de que está chegando ao limite. Muitas vezes o dinheiro até pode existir, mas não está disponível. Quer um exemplo? O cartão de crédito e o cheque especial. Ele está ali, sempre disponível e pronto para você. Só tem um detalhe: temos que pagar depois! Ou seja, além das despesas normais, temos que pagar os juros ou o parcelamento do cartão.

Por fim, se você acha que fazer o orçamento não tem graça nenhuma (e não tem mesmo), faça uma aposta com você mesmo e veja o quanto de dinheiro terá a mais para gastar com você e a sua família quando parar de pagar juros, para enriquecer outras pessoas. Se tiver que pagar juros, que seja para você, poupando mês a mês e estabelecendo limites para os seus gastos. Você se surpreenderá.



ADÊ MEU DINHEIRO?

Vou começar esta unidade contando uma historinha para você. Paulo é um consultor de vendas muito bem-sucedido, um dos principais profissionais do ramo, resiliente, entusiasmado e motivado. Sabe aquele profissional que consegue vender areia no deserto? É ele! Tem o dom de vender, com qualidades natas que foram aperfeiçoadas com muito treinamento e ao longo do tempo. Ele sabe lidar com rejeições e apresentar argumentos que são quase irrefutáveis. Observador, consegue captar os primeiros sinais de aprovação, criando uma relação de confiança com o cliente, garantindo assim todo o seu sucesso com as vendas.

Disciplina, foco e organização também são habilidades requeridas pela profissão de Paulo que, infelizmente, não são seus pontos fortes. Ele tem trabalhado arduamente para aprimorar as suas deficiências e está convencido de que poderá aumentar ainda mais seu índice de conversão de vendas se aprender a organizar melhor o seu tempo e acompanhar, de forma mais eficiente, a evolução de seus contatos comerciais.

A renda média dele é de mais ou menos R\$ 4.000,00, suficiente para, junto com sua esposa, bancar as despesas do orçamento familiar. Só tem um pequeno problema: o fluxo dessa renda não é estável (não se esqueça que ele trabalha com vendas), como normalmente ocorre com aqueles que trabalham somente com remuneração fixa. Existem meses que o volume de comissões é bem generoso e Paulo acaba se empolgando e gastando mais do que deve. O mês passado, por exemplo, foi um mês excelente e ele ganhou mais de R\$ 7.000,00. Essa era a quantia que completava a entrada em um financiamento para adquirir um carro novo. Três meses depois, algumas vendas foram canceladas e ele não estava preparado para esta situação. Como a sua reserva tinha sido destinada a dar entrada no financiamento, ele recorreu ao cheque especial. No mês que vem vence a primeira prestação do financiamento.

Essa pequena história ilustra a diferença daqueles que possuem remuneração fixa e aqueles que têm toda ou parte da remuneração variável. Se for essa a sua situação, você deve redobrar a atenção para controlar o orçamento doméstico. O primeiro passo é considerar uma renda média, ou seja, somar todas as remunerações recebidas em um período de 1 ano e dividir por 12 meses. Dessa forma, a renda média mensal é estabelecida e, com base nela, podemos criar a nossa estratégia, que é bem simples. Você deverá guardar todo o excedente além da média mensal que você determinou em uma conta separada. Dessa maneira, você terá liquidez para assegurar o orçamento familiar sem precisar recorrer a linhas de crédito que implicam em pagamento de juros absurdos, principalmente se utilizar o cheque especial.



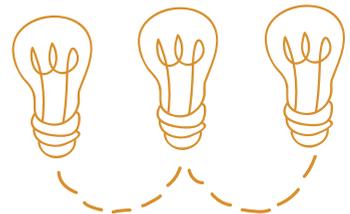
NA PRÁTICA

Se sua remuneração é variável, controle suas despesas na ponta do lápis. Nos meses “gordos”, guarde o que exceder a média para os meses “magros”. Estabeleça uma remuneração média confiável, provável de ser atingida, para implementar seu controle. Abra uma conta reserva e chame de Renda Móvel. Poupança, CDB, DI com liquidez diária ou Fundo DI com taxa de administração inferior a 1% a.a. são alternativas adequadas para acumular essa reserva financeira. Não se esqueça de que essa reserva é só para controlar a sua renda variável. A sua reserva de emergência deverá ser mantida separadamente.

Um comportamento que é bastante observado quanto aos hábitos de consumo são as compras feitas por impulso. O prazer da compra no exato momento em que ela surge e a sensação de poder superam os benefícios de um orçamento cauteloso, chato e sem graça (lembre-se de que fazer o orçamento é bem chato). Aqui fica um aviso: não se esqueça de que comprar por impulso reduz bastante o seu poder de compra. Claro que gastar é uma delícia, mas planejar e acumular recursos antes de adquirir um produto ou serviço, embora aborrecido, é uma forma de ampliar a sua satisfação.

Uma forma que acaba por ser muito efetiva para evitar esse comportamento consumista e impulsivo é fazer o seu dinheiro render. Depois que você tem o hábito de poupar, a satisfação de entrar um dinheiro novo na sua conta, sem que você tenha que ter feito nada para isso, é muito maior que a satisfação de compra imediatista. Assim, se você colocar o seu dinheiro para trabalhar para você, não terá como gastar com outras coisas.

Você já deve ter ouvido falar alguma vez que “dinheiro chama dinheiro”. Mas você sabe por quê? Existe um conceito matemático chamado juros compostos, que não cabe aqui detalhar nem como nem por quê. O importante que você precisa saber é que toda vez que você poupa um determinado capital, ele é acrescido de juros, gerando um outro capital chamado montante. Esse montante (capital + juros) é acrescido novamente de juros, ou seja, juros sobre juros. É dessa forma que o dinheiro chama dinheiro. Ele segue em progressão geométrica e, quanto mais você guardar, mais o dinheiro vai trabalhar para você.





VOCÊ SABIA?

A Calculadora do Cidadão do Banco Central do Brasil é uma aplicação interativa, de acesso público, que permite simular situações do cotidiano financeiro. Após a escolha do serviço financeiro, os cálculos são realizados a partir de informações fornecidas pelo usuário. No caso de correção de valores, também são utilizadas séries históricas de taxas e indicadores financeiros.

Serviços financeiros disponíveis para simulação:

- Aplicação com depósitos regulares;
- Financiamento com prestações fixas;
- Valor futuro de um capital;
- Correção de valores.

Fonte: <https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/calculadoradocidadao>

Uma outra forma de valorizar ainda mais o seu dinheiro é investir em educação financeira. Embora a educação financeira seja lei desde 2017 e faça parte da Base Nacional Comum Curricular, essa é uma realidade que ainda não chegou à maioria das escolas do Brasil. Não se culpe se você não conhece ou nunca tenha ouvido falar desse tema. Essa é a realidade da maioria da nossa população, infelizmente. Dessa forma, investir em educação é uma realidade e, principalmente, um diferencial que pode, inclusive, mudar a forma como você se relaciona com o seu dinheiro. Ter esse conhecimento pode fazer a diferença nas escolhas que determinarão o seu futuro.

Vamos aprender nas próximas unidades que todo investimento tem componentes de risco, tais como crédito, mercado e liquidez em diversos níveis e formas. Entretanto, existe um investimento sem risco que poderá gerar retorno garantido: o conhecimento. A carreira profissional e a remuneração de cada pessoa tendem a ser proporcionais ao nível e qualidade da respectiva formação. Obviamente, existem diversos casos de empreendedores que sequer tiveram alguma formação e são muito bem-sucedidos, porém, com uma boa base financeira, suas chances aumentarão consideravelmente.



ORÇAMENTO QUE AJUDA A GASTAR MENOS (E MELHOR)

Quando falamos sobre aumentar nossas economias, estamos buscando aumentar a margem de segurança que temos em relação a nós mesmos. Infelizmente, a maioria das pessoas só se lembra da reserva financeira quando algo acontece e percebem que passarão apertadas. Por outro lado, poupar não é fácil, e será difícil resistir à vontade de mexer no dinheiro antes da hora. O esforço que você fará para poupar deixará claro o que você quer, de fato, e o que pensou que queria. É bem possível que você desista da compra. Contudo, o melhor é que, ao final do período de reserva, você terá mais dinheiro e poderá comprar mais produtos ou serviços.

Na unidade anterior, abordamos importantes temas relacionados ao seu dinheiro e, principalmente, com relação ao seu comportamento. A sugestão de controle de gastos apresentada através da tabela aborda um dos primeiros passos para isso, que é conhecer o seu comportamento de gastos e organizar a sua receita.

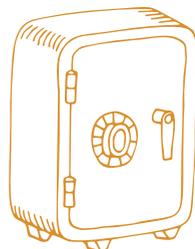
Já percebemos também que não tem milagre, né? Se tem uma coisa que a matemática nos ajuda é com relação à sua previsibilidade. Se você gastar mais do que ganha, com certeza vai faltar dinheiro. Você pode até achar que isso é ruim, mas conseguir prever, ou pelo menos ter uma noção, nos ajuda muito a nos controlar e, principalmente, a gastar melhor.

Orçar é uma forma de ter essa informação. Pesquisar é uma outra fonte importante de informação antes da decisão de compra. Você não precisa decidir sobre algo porque seu vizinho disse ou porque seu parente falou que é bom. Explore todas as alternativas antes de decidir e faça muitas perguntas antes de escolher. Não compre produtos, mas sim as coisas boas que eles podem te trazer (ou não). Se a explicação dos benefícios não for clara e concreta para você, não compre nada. Investigue os custos e avalie se o benefício compensa o valor pago.

Muitas vezes, a tomada de decisão em comprar algo traz embutido um compromisso ou uma obrigação. Quer um celular “top de linha”? Será que você não consumirá mais dados? Sua conta não ficará mais cara? Será que você utilizará todos os recursos? Esses são pequenos questionamentos que devemos nos fazer para entender se aquele aparente benefício não traz junto dele alguma despesa mensal. Pense que R\$ 100,00 a mais por mês será R\$ 1.200,00 por ano, ou seja, passagens de ida e volta para Miami (compradas com antecedência).

Objeto de desejo, símbolo de poder, potência, conquista ou simplesmente um meio de transporte seguro e confortável. É assim que normalmente podemos definir a aquisição de um carro. Independentemente da forma como você se relaciona com ele, saiba que tê-lo e mantê-lo consome uma parcela significativa do seu orçamento. Sabemos que não é barato e mesmo os que controlam as contas na ponta da caneta podem se esquecer de lançar alguns itens que geram uma despesa maior do que aquelas que estamos esperando.

Uma dica, neste caso, é separar as despesas em dois blocos. Para as dívidas que são anuais, faça a divisão por 12 para saber quanto você precisa guardar mensalmente para pagá-las. No segundo momento, as despesas mensais. Some as duas para encontrar o valor mensal que sai da sua conta todo o mês para o custeio do seu veículo. Você pode, inclusive, comparar essa parcela mensal de despesa com o seu salário para descobrir qual percentual de suas receitas vai para pagamento de despesas dessa natureza. É um cálculo fácil: se você ganha R\$ 3.500,00 por mês e seu gasto mensal com veículo corresponde a R\$ 1.200,00 mensais, é só dividir um pelo outro, neste caso $1.200 \div 3.500 = 0,3428$, ou seja, 34,28% do seu salário é utilizado para pagar despesas com o carro. É um índice bem alto! Para você não esquecer de nada quando o assunto for esse, segue uma tabela com algumas das despesas anuais e mensais que você precisa considerar.



DESPESAS ANUAIS	DESPESAS MENSAIS
IPVA	Reserva para as despesas anuais
Seguro (que pode ser mensal)	Combustível
Licenciamento	Estacionamento
Seguro obrigatório	Pedágio
Manutenção	Financiamento (se aplicável)
Multas	

Tabela 2 – Natureza das despesas anuais e mensais
Fonte: elaborado pelo autor.

Sabemos que o transporte público (ou mesmo privado, através de aplicativos como Uber, 99 etc.) nem sempre é uma alternativa. Utilizar o ônibus fretado (quando disponível) pode ser uma possibilidade. Abrir mão do segundo carro da família também é uma realidade. Se um carro dá despesas, imagine dois! O que vem se observando bastante é a utilização de um transporte alternativo durante a semana e o aluguel de um carro nos finais de semana para viajar. Você também pode deixar tudo como está, mas esteja ciente de que boa parte da sua riqueza pode estar indo pelo ralo na sua frente.



NA PRÁTICA

Existem, na internet, diversos sites e aplicativos que te ajudam a calcular melhor a dinâmica de adquirir um veículo ou utilizar um transporte de aplicativo ou táxi. Essas calculadoras ajudam a entender os itens que devem ser considerados e, ao mesmo tempo, consideram fatores como a quantidade de quilômetros que você percorre diariamente, bem como a quantidade de diárias.

Fonte: <https://valorinveste.globo.com/ferramentas/calculadoras/carro-uber-taxi/>

Por fim, inclua no seu orçamento todas as despesas deixadas de fora e que podem ser aplicáveis ao seu carro, como a prestação do financiamento do carro, manutenção e multas. Se o seu orçamento está no vermelho e você tem carro, pense na hipótese de vendê-lo e passar um tempo sem ele. A entrada de caixa e a redução das despesas mensais podem ser a solução para equilibrar suas contas.

Continuando o nosso raciocínio a respeito do orçamento, há um outro ponto muito sensível que provavelmente se tornará uma das decisões mais difíceis da sua vida. É fato que as razões para alugar ou comprar um imóvel são de cunho pessoal e, principalmente, particular. O que vou apresentar para você neste sentido é algo baseado na matemática da “coisa”, ou seja, não estou levando em consideração os aspectos emocionais, e sim somente o racional.

Em uma simulação muito simples, podemos dizer que financiar um imóvel novo de R\$ 400.000,00, com taxas de mercado, te levará a desembolsar aproximadamente um valor mensal de R\$ 3.000,00 por um prazo de 360 meses e uma taxa média de 8,5% a.a. Desconsiderando uma eventual valorização do imóvel e as taxas de inflação nos próximos 30 anos, podemos dizer que você pagará R\$ 1.080.000,00, ou seja, mais que o dobro do valor do imóvel. Porém, podemos pensar diferente, isto é, em vez de pagarmos os juros para o banco, recebermos os juros para comprar o imóvel. Vamos partir do princípio de que o valor da parcela, ou seja, os R\$ 3.000,00 é o limite do nosso desembolso. Vamos considerar também que você consiga uma aplicação financeira que lhe renda 6,20% a.a. (ou 0,5% a.m.). Claro que durante um tempo você precisará morar em algum lugar. Vamos considerar que você alugue um local por R\$ 1.500,00 por mês, também desconsiderando efeitos inflacionários. Poupano a outra metade, em quanto tempo eu consigo comprar o meu imóvel à vista? Prepare-se para a resposta: em 14 anos, aproximadamente, você compra o seu imóvel à vista, sai do aluguel e não paga juros para ninguém!

Agora me responda: faz sentido para você pagar 16 anos a mais para ter o seu imóvel? É claro que se trata de um cálculo simplista que desconsidera algumas variáveis importantes. Porém, elas, isoladamente, não alteram consideravelmente o resultado do cálculo.

Com esse ponto trazido, você deve avaliar se alugar um imóvel e manter o dinheiro investido pode ser uma boa estratégia. Claro que isso requer muita disciplina! Embora disponível, o dinheiro não pode ser gasto e deve ser mantido em aplicações de baixo risco, com o objetivo de geração de renda. Ele é patrimônio da sua família.



VOCÊ SABIA?

A Caixa Econômica Federal é um dos principais agentes do governo na concessão de crédito imobiliário no Brasil. Ela constitui-se basicamente de linhas de financiamento que a Caixa coloca à disposição de pessoas físicas e jurídicas, com a finalidade de viabilizar a aquisição de imóveis prontos ou em construção, bem como a reforma ou ampliação de imóveis existentes. Diversas informações importantes estão disponíveis para consulta antes de você tomar a sua decisão.

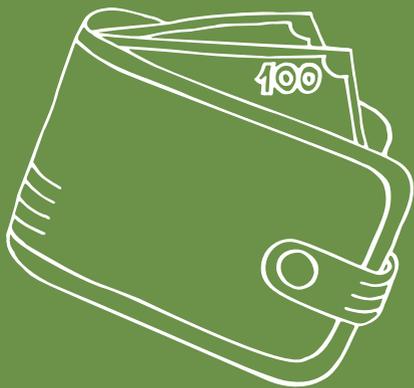
Fonte: <http://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/Paginas/default.aspx>

Para finalizarmos esta unidade, é importante refletirmos a respeito de como seus gastos devem construir riqueza para você. Não se pode controlar nem administrar o que não se mede. Assim, fazer o orçamento familiar para saber exatamente quanto se gasta é de fundamental importância para gerar riqueza. Ele permitirá priorizar gastos, identificando o que é importante e o que agrega valor.

O registro e a anotação deixarão claras quais são aquelas despesas das quais você nem costuma lembrar e que, conhecendo-as, ficarão mais fáceis de eliminar. Outras exigirão esforço considerável para corrigir. Não se esqueça de que você passou a vida inteira fazendo algo que pensava estar correto e, na verdade, percebeu que existe uma forma diferente de encarar a situação e, principalmente, de superar as dificuldades. A motivação indicará que você está no caminho certo.

Poupar cerca de 10% (percentual sugerido) das receitas pode ser uma boa estratégia para constituir uma reserva financeira igual a seis meses do seu orçamento familiar, em um investimento de baixo risco e com liquidez garantida. Se você for bem disciplinado e bem-sucedido, outras metas virão, como o pagamento das parcelas de um eventual crédito imobiliário para se livrar logo da dívida.

É esperado que, daqui a alguns anos, quando a prática de poupar já tenha se tornado um hábito, você possa se orgulhar do que construiu com trabalho, esforço, foco, planejamento e disciplina. E isso tudo sem deixar de desfrutar a vida. O trabalho é árduo, mas a certeza de um bom resultado compensará todo o seu esforço. Lembre-se de que você está gerando riqueza para si mesmo e que tudo o que fizer será seu.



**O DINHEIRO QUE NÃO É MEU:
DÍVIDA PARA QUE TE QUERO**

02

UNIDADE 1



S E COMBINAR DIRETO PODE FUNCIONAR

Esta unidade poderá salvar a sua vida financeira. É isso mesmo. Uma das principais causas do nosso descontrole financeiro está relacionada com a nossa inabilidade em compreender a utilidade do crédito e fazer uso de um dinheiro que não é nosso e que precisaremos pagar mais cedo ou mais tarde. O fato é que acabamos por nos endividar por um princípio muito simples. Não temos dinheiro para comprar tudo o que queremos.

É muito fácil ser seduzido com a oferta de crédito. É só abrir o extrato bancário e ele está lá, somado ao seu saldo devedor e dando a aparência de que todo o dinheiro é seu, mas não é. O saldo da sua conta é somado ao limite de crédito pré-aprovado que muitas vezes acabamos por utilizar. Só esquecemos que, quando não temos dinheiro, é necessário “alugar”. Alugar o dinheiro? Sim, pois, quando tomamos um determinado recurso emprestado, estamos alugando o dinheiro de quem tem sobrando. Neste caso, o banco recebe esse dinheiro que alguém aplicou por estar sobrando e ele empresta para você cobrando uma taxa, que podemos chamar de aluguel. Ou seja, você aluga o dinheiro pagando juros. Isso não costuma ser muito barato, pois o mecanismo que vimos no capítulo anterior que faz a multiplicação do seu capital é utilizado para calcular o seu empréstimo. E agora, de que lado você está? Do lado de quem recebe ou de quem paga juros?

As taxas de juros no Brasil ainda são muito altas, mesmo que nos últimos anos venham gradativamente sendo reduzidas. A grande questão com as taxas elevadas é que elas podem transformar uma pequena dívida em algo impagável no médio e no longo prazo. Quer um exemplo? Um financiamento de R\$ 1.000 no cartão de crédito, aparentemente não muito caro, com juros de 10% a.m. (rotativo) eleva a dívida para R\$ 3.000 em um ano. Em dois anos ela já estará em R\$ 10.000 e em três anos em R\$ 31.000. O resultado é que aquele

mecanismo que estudamos no capítulo anterior está em ação, ajudando a operadora de cartão a ganhar dinheiro. Essa bola de neve irá crescer num ritmo incontrolável. Então seria muito melhor que fosse o seu capital crescendo, não o do banco.

Existem diversas modalidades de crédito disponíveis no mercado financeiro, cada qual com o seu propósito. Comprar um carro, um eletrodoméstico, roupa etc. Há muitas fontes de financiamento. Os juros são definidos de acordo com o risco: quanto maior o risco de o banco não receber o dinheiro emprestado, maior a taxa de juros (valor do aluguel do dinheiro). Quando você constrói um histórico de bom pagador e oferece algum tipo de garantia, o custo do aluguel do dinheiro (juros) costuma ser menor. Mais adiante, iremos falar especificamente do *credit rating* (score).

Se endividar exige planejamento, foco e disciplina. Um novo compromisso fará parte do seu orçamento (aquele que desenvolvemos no capítulo anterior) a partir do mês seguinte à contratação (caso não haja carência). Se você já tem um orçamento apertado, qual despesa irá cortar para acomodar a prestação do seu empréstimo? Se o valor da prestação não cabe no orçamento, você sabe que teremos problemas no curto prazo quando a primeira prestação vencer. Se essa for a situação, a recomendação é que você tente aumentar o prazo do empréstimo ou reduzir a taxa de tal forma que a prestação possa ser encaixada no seu orçamento. Lembre-se de que não adianta tentar se enganar. Não existe “dar um jeitinho”. Isso sempre acaba em aumento do endividamento e em você com o nome sujo na praça.

A grande questão é utilizar o crédito de uma forma que ele consiga gerar riqueza para você. Comprar um sofá novo trará uma grande satisfação momentânea. Porém, essa satisfação poderá ir por água abaixo quando você tiver que se endividar para comprá-lo, pagando duas ou três vezes o valor que seria pago à vista. Se for para se endividar, que seja por algo que pode aumentar a sua renda. Vou comprar um forno para vender salgados. Excelente! Com o dinheiro da venda dos salgados você paga o forno, os ingredientes e ainda sobra para você. Use o crédito para objetivos nobres, que gerem renda e bem-estar. Adquirir um empréstimo porque você não aguenta esperar para comprar não é uma boa ideia e você irá se arrepender antes mesmo de perceber.



VOCÊ SABIA?

O Banco Central do Brasil (BACEN) organiza uma série de dados separados por tipo de operação, apresentando todas as taxas pré-fixadas em cada uma das instituições financeiras. As taxas de juros apresentadas nesse conjunto de tabelas representam médias aritméticas das taxas de juros pactuadas nas operações realizadas nos cinco dias úteis referidos em cada publicação, ponderadas pelos respectivos valores contratados. Essas taxas de juros representam o custo efetivo médio das operações de crédito para os clientes, composto pelas taxas de juros efetivamente praticadas pelas instituições financeiras em suas operações de crédito, acrescidas dos encargos fiscais e operacionais incidentes sobre as operações. Se for para adquirir crédito, que seja o mais barato.

Fonte: <https://www.bcb.gov.br/estatisticas/txjuros>

A utilização do crédito com moderação e parcimônia te ajudará inclusive a fazer um consumo mais consciente. O uso do crédito é geralmente recomendado, como já enfatizamos, para aquisição de bens que te ajudem a construir um patrimônio. Obviamente, um bem adquirido com recursos de terceiros (empréstimos) deve gerar resultado suficiente para “se pagar”. Um novo equipamento ou uma máquina nova pode levar uma empresa a aumentar o faturamento, ou a compra de um imóvel, além de se converter num item importante de seu patrimônio, poderá eliminar a despesa do aluguel, por exemplo.

A grande recomendação com relação ao crédito é de não utilizá-lo para financiar consumo (roupas, por exemplo) que não adicionam valor ao seu patrimônio. Parcelar a fatura do cartão de crédito, por exemplo, é uma decisão mais do que equivocada, pois reúne dois pontos negativos: financiar compras supérfluas com dinheiro de terceiros e pagar com uma taxa de juros muito elevada, uma das mais altas. Se você perceber que não vai conseguir pagar, procure um empréstimo pessoal com esse propósito e quebre o seu cartão de crédito até terminar de pagar o empréstimo. A taxa será muito mais barata e você se livrará rapidamente da dívida.

As taxas de juros que são cobradas pelos bancos (acesse o link na página anterior para pesquisar as mais baratas) nas operações de cheque especial e pelas administradoras de cartões de crédito são extremamente elevadas. Elas são naturalmente mais caras, pois são linhas pré-aprovadas e que carecem de garantia, ou seja, o risco é maior. Se ele é maior, a taxa também é maior, lembra?

Essas mesmas instituições que oferecem taxas mais altas oferecem outras modalidades com taxas menores, como um empréstimo pessoal ou um financiamento para aquisição de bens. Essas operações são analisadas e aprovadas mediante a sua solicitação, que planeja o valor e a forma de pagamento com número determinado de parcelas. Que fazer um teste? Verifique as taxas de um determinado empréstimo que esteja pré-aprovado em seu banco. Vá até a agência ou ligue para sua gerente e procure a mesma linha e com as mesmas condições. Surpreendentemente a taxa que ela irá lhe oferecer é menor, pois o crédito passará por uma análise que supostamente verificará sua situação de acordo com os parâmetros atuais de risco, e não com taxas pré-aprovadas com base em informações sistêmicas. Eu sei que, inicialmente, pode parecer completamente sem sentido, mas é assim que normalmente costuma funcionar.

Além disso, os empréstimos que dispõem de um avalista, ou mesmo do bem financiado, aumentam o nível de garantia, ou seja, com menos risco, a taxa tende a ser menor. Isso explica, por exemplo, porque a taxa de juros de um crédito pessoal tende a ser mais alta do que a taxa de juros de um veículo. Nesse caso, ele é utilizado como garantia da operação, ao passo que, em uma operação de crédito pessoal, “la garantía soy yo”. Como o risco de crédito é menor, a taxa de juros também cai.

Algo muito interessante, no entanto, acontece. Por que será que milhares de brasileiros abusam do cheque especial, financiam suas faturas do cartão de crédito e pagam muito mais caro? A resposta é bem simples: as pessoas costumam ter vergonha de ir aos bancos pedir dinheiro emprestado. Pasmem, mas é isso que acontece. Por essa razão, acabam por utilizar as linhas de créditos pré-aprovadas e alegam ser bastante constrangedor se colocar na frente do gerente do banco e pedir um empréstimo para solucionar os seus problemas financeiros. Pior ainda seria pedir a um parente, amigo ou colega de trabalho que seja seu avalista em uma operação financeira. Não podemos esquecer que pedir dinheiro emprestado é fazer negócio como outro qualquer. Tomar um empréstimo, como já comentamos anteriormente, é o equivalente a alugar o dinheiro por um tempo determinado, o que não é diferente de comprar uma geladeira, um fogão, um notebook ou um freezer. Não se esqueça que o banco só existe se emprestar dinheiro. Se ele não empresta, ele não ganha, simples assim.

Considere a seguinte situação: o banco não está lhe fazendo nenhum favor nem tampouco “quebrando um galho” quando lhe concede um empréstimo. Esse é o negócio dele, incluindo todos os riscos envolvidos em operações dessa natureza e ganhando, obviamente, dinheiro com isso. Com as administradoras de cartão de crédito acontece exatamente o mesmo. Elas recebem um percentual do lojista em cada venda realizada, além, é claro, da anuidade que muitas cobram do portador do cartão.

Ninguém faz nada de graça no mundo dos negócios. Tenha absoluta certeza disso. Caso tenha que utilizar o cheque especial ou o cartão de crédito, faça isso pelo menor tempo possível. Se perceber que não conseguirá pagar, tente tomar um empréstimo pessoal antes do vencimento. Crédito bom é aquele que deixa você dormir tranquilo. Se o crédito tira o seu sono, você deve buscar renegociar com seu credor e estabelecer uma condição que esteja dentro da sua capacidade de pagamento. Lembre-se de que ele não ganha dinheiro quando te empresta, e sim quando você paga o que deve.

Atente-se bastante ao fato de que o cartão de crédito pode ser seu “amigo”, pois permite que você concentre diversas despesas em uma única data. No seu orçamento, as despesas devem ser desmembradas, ou seja, cada gasto em sua respectiva categoria. Diversos cartões contam com bons programas de pontos que podem ser trocados por mercadorias ou milhas aéreas. Agora uma coisa é fato: ele também pode ser o seu pior pesadelo se você gastar e esquecer que, no final

do mês, chegará a fatura. O perigo aumenta ainda mais se você fizer compras parceladas, pois elas se acumulam mês a mês e, se você não tiver um bom controle, o resultado será bem ruim. Um exemplo bem simples: você gasta, por exemplo, R\$ 1.000,00. Os juros no rotativo alcançam facilmente 15% a.m. Ao final de seis meses esses R\$ 1.000,00 já serão R\$ 2.300,00. Consegue perceber o que acontece se você não pagar?

Por fim, esteja muito atento à utilização do cheque especial. Qualquer deslize pode colocar tudo por água abaixo. O melhor mesmo é viver sem esse mecanismo. O uso frequente dessa linha de crédito para cobrir despesas enquanto as receitas não entram não é sustentável. Controle seus gastos e utilize-o corretamente para tirar o melhor benefício de cada um dos produtos de crédito.

UNIDADE 2



SE COM MODERAÇÃO



Tudo começou com um cartão de crédito só e um limite pequeno. Depois, vieram o segundo, o terceiro e o quarto cartão, todos com limites que alimentaram a sensação de poder de compra. Você ficou surpreso quando a administradora do cartão aumentou ainda mais o seu limite para um valor que nem você mesmo julgava ser possível merecer. Pronto! Você acabou de cair na armadilha de gastar sem definir o seu próprio limite. Afinal de contas, se a administradora do cartão lhe deu esse limite, é porque sabe que você irá pagar. Só tem um detalhe nessa conta que não fecha. O limite estabelecido normalmente é de duas ou três vezes mais do que a sua renda. Não se esqueça que ela ganha quando você utiliza seu cartão.

Talvez você conheça casos assim ou essa situação até já tenha acontecido com você. Isso justifica o fato de 65,6% das famílias brasileiras possuírem algum tipo de dívida, de acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) de 2019, divulgada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). A mesma pesquisa apresenta como principal tipo de dívida contraída pelas famílias o cartão de crédito, que é utilizado por 79,8% dos consumidores endividados. Em seguida, aparecem carnês (15,6%), financiamento de carro (9,9%), cheque especial (6,7%) e crédito consignado (5,5%). Em média, o prazo de vencimento das dívidas é de 6,9 meses e, entre as famílias endividadas, estão comprometidas em até três meses 25,7%, e 31,8% por mais de um ano. Para se ter uma ideia mais abrangente, a parcela média do orçamento comprometida com empréstimos ou compras parceladas é de 29,7%.

Todas essas informações sugerem que grande parte das famílias utilizam algum tipo de crédito para consumo. A grande questão é: como economizar nesse cenário? O cliente que toma empréstimo de um banco pode solicitar a liquidação antecipada do débito, total ou parcialmente, com redução proporcional dos juros. Faz sentido, afinal o juro não é o aluguel do dinheiro? Se você não quer mais “alugar”, é justo que pague somente pelo valor que utilizou. O banco deve conceder desconto pela antecipação do pagamento. A dívida também pode ser transferida para outra instituição financeira que ofereça melhores condições.

Assim, uma alternativa é a transferência da dívida para outra instituição. Isso não só é possível como é uma realidade. Normalmente, quando você informa o seu credor atual de que irá realizar a portabilidade do crédito por questão de taxa, ele irá buscar a sua retenção não permitindo que você leve a sua dívida. Não se esqueça que o não você já tem e, principalmente, que o banco só ganha dinheiro quando você paga a dívida, e não quando ele concede o crédito. Se for essa a situação, verifique bem as condições do novo contrato em relação ao número de prestações, taxas de juros e tarifas, para que essa transferência seja de fato vantajosa para você. Outro aspecto é que a instituição é obrigada a informar o seu saldo devedor, tanto no momento de uma eventual quitação/transferência ou em qualquer outro. Ela também está obrigada a fornecer uma planilha de memória de cálculo que possibilite, de forma simples e clara, conferir a evolução da sua dívida conforme o contrato e condições estabelecidas. Na prática, as condições da nova operação devem ser negociadas entre você e a outra instituição que lhe concederá um crédito, a qual efetivará a transferência para a amortização ou quitação. Nessa situação é vedada a cobrança de tarifas relativas ao custo de transferência de recursos de uma instituição para outra, para fins de quitação antecipada.

Você, em algum momento, já deve ter pago, por exemplo, R\$ 5.000,00 em prestações de um empréstimo de R\$ 20.000,00. Teoricamente, você pensa que deve R\$ 15.000,00 e, ao pedir o saldo devedor, descobre que deve R\$ 18.000,00. Isso se deve à capitalização dos juros compostos. Todo empréstimo possui alguns componentes que determinam como o seu cálculo é realizado. Fazem parte deste cálculo a quantidade de parcelas (n), a prestação (PMT), a amortização, o juro (i) e o saldo devedor. Quando você realiza um empréstimo é efetuado um cálculo levando em consideração o valor que será disponibilizado a você e os encargos, entre eles o IOF (imposto sobre operações financeiras) e a TAC (taxa de abertura de crédito). Por exemplo, um empréstimo

de R\$ 20.000,00 na realidade é de R\$ 20.600,00, aproximadamente, considerando todos os encargos. Supondo que o seu empréstimo possui uma prestação de R\$ 656,11, parte desse valor é diminuído do seu saldo devedor e a outra parte será destinada ao pagamento dos juros. Logo, toda prestação paga possui um componente de juros (que remunera o valor emprestado) e amortização (que abate do saldo devedor). O cálculo da parcela leva em consideração o prazo. Quanto maior o prazo, mais juros você pagará e o contrário também acontece. É por esse motivo que, no empréstimo de R\$ 20.600,00 do nosso exemplo, ao pagar uma parcela de R\$ 656,11, você deverá no mês seguinte R\$ 20.335,90, pois parte da sua prestação foi utilizada para pagar os juros (calculados sobre o saldo devedor) e a outra foi utilizada para realmente reduzir o seu saldo.

Como é possível perceber, o cálculo, embora não seja muito complexo, é detalhado, pois leva em consideração diversas variáveis. Porém, é importante você conhecer como ele é calculado e, principalmente, o quanto você deverá em cada momento.



NA PRÁTICA

A Khan Academy oferece exercícios, vídeos de instrução e um painel de aprendizado personalizado que habilita os estudantes a aprender no seu próprio ritmo, dentro e fora da sala de aula. Abordamos matemática, ciência, programação de computadores, história, história da arte, economia e muito mais. Nossas missões de matemática guiam os estudantes do jardim de infância até o cálculo, usando tecnologias adaptativas de ponta que identificam os pontos fortes e lacunas no aprendizado.

Fonte: <https://pt.khanacademy.org/economics-finance-domain/core-finance/interest-tutorial>

Uma alternativa para tentar pagar juros sensivelmente menores é utilizar o consórcio. Ele é um sistema de autofinanciamento para a compra de um bem (como carro ou casa), em que várias pessoas se associam para pagar o valor do bem em prestações mensais. O total arrecadado pela administradora do consórcio é utilizado para a compra desses bens. Há duas formas de recebê-lo: por sorteio ou por lance. O sorteio é realizado todo mês a fim de contemplar uma ou mais pessoas. No lance, a pessoa faz uma oferta para tentar retirar o bem antes do final do contrato. O consórcio tende a ser uma boa alternativa, desde que a taxa de administração cobrada pela administradora não seja muito alta. A administradora é uma empresa independente, responsável por organizar, controlar e arrecadar os recursos dos diversos participantes. Os recursos de um grupo não podem ser transferidos para outro nem se misturar com o patrimônio das administradoras.

A grande vantagem desse tipo de financiamento é ser sorteado logo no início e desfrutar a posse do bem o quanto antes. Se a sorte não lhe sorrir e você tiver dinheiro disponível, pode dar um lance e antecipar o direito de receber o bem. Se não tiver nenhuma coisa nem outra, ficará para o final do grupo, financiando o bem dos outros. Por isso, se você soubesse disso antes, poderia ter investido esse dinheiro e comprado o bem por conta própria. O consórcio pode ajudar as pessoas com baixa disciplina a poupar para aquisição de casa ou carro. Você pode, inclusive, utilizar o saldo do seu FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) para apresentar o lance, complementar a carta de crédito, pagar as prestações ou quitar o saldo devedor em consórcios imobiliários.

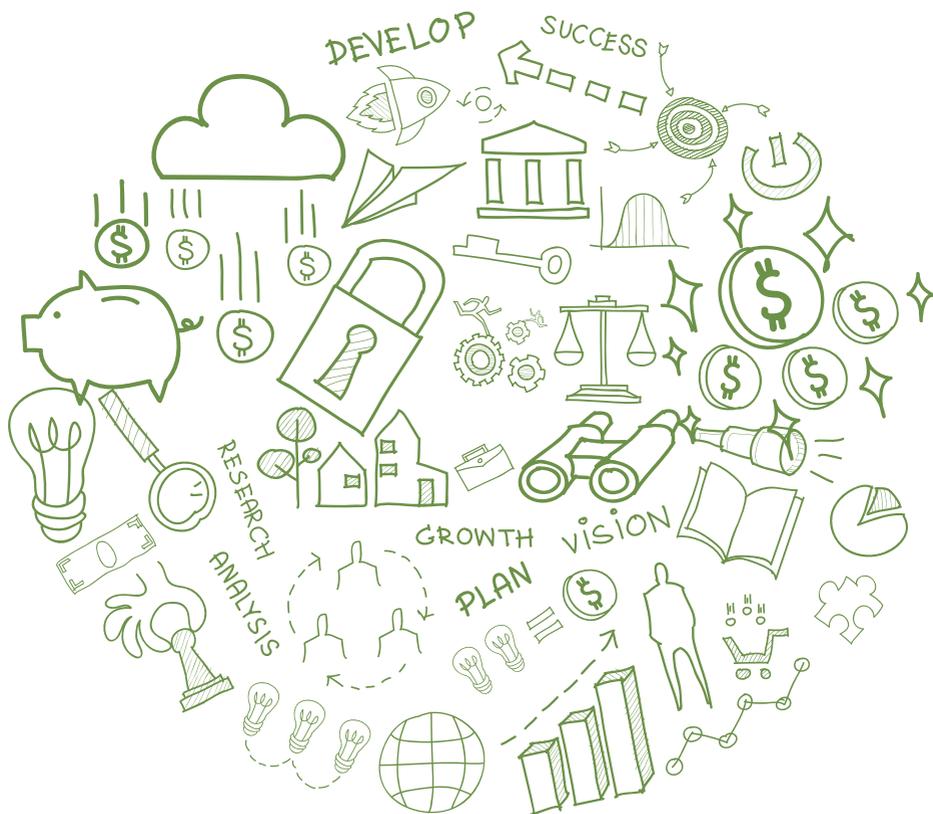
Esteja sempre atento às ofertas que chegam até você. Não existe milagre. Desconfie de propostas que sejam muito diferentes das apresentadas pelos concorrentes. Se alguma coisa foi dada, algo em troca será pedido. Quem resiste a uma oferta de comprar uma televisão em dez vezes sem juros? Ou comprar um carro em 24 meses com juros zero? É difícil acreditar que o mesmo mercado que castiga o consumidor com juros tão altos possa mesmo oferecer uma condição tão generosa. Qual é o mistério desse tipo de oferta? Como conferir se é verdadeira ou se esconde alguma condição que modifique o resultado da transação?

Para comprovar se uma transação é feita, de fato, sem juros, verifique sempre se o valor da mercadoria à vista é o mesmo da mercadoria com o financiamento generoso. Mas não basta perguntar ao lojista: realmente pesquise muito antes de comprar.

Vamos supor que você vá até uma concessionária e indague a respeito das condições e formas de pagamento disponíveis para comprar o veículo. O vendedor faz a oferta que você estava esperando: entrada de 50% e 12 parcelas iguais, sem juros, de R\$ 2.000,00. Fazendo as contas, o carro financiado sairia por R\$ 48.000,00, com 12 prestações totalizando R\$ 24.000,00, somadas à entrada de mesmo valor. Você, como fez o curso de Finanças Pessoais, faz a pergunta certa: qual seria o valor do veículo à vista? É bem provável que, nesse momento, o vendedor procure lhe desencorajar, porque deixaria de ganhar a comissão que a financeira sempre destina a quem fecha uma operação de crédito (sim, todas elas pagam). Quando ele perceber que essa é a sua opção preferida e que havia um concorrente na jogada, conversará com o gerente da loja e apresentará a oferta de R\$ 46.000,00 para o pagamento à vista. Eis a verdade escancarada: os juros escondidos na transação de R\$ 2.000,00, equivalente a 8,3% do valor financiado, mostram que existem dois preços diferentes para pagamento à vista e para pagamento a prazo. Só para fecharmos o nosso raciocínio, se for verdadeira a oferta do financiamento com juro zero, você deveria comprar o carro com entrada de R\$ 23.000,00 e 12 parcelas de R\$ 1.916,66. Não tenha dúvida, a concessionária irá recusar a sua proposta. Como é possível perceber, não há milagres e nem mistérios. É a simples, velha e pura matemática financeira nos ajudando a entender os supostos mistérios.

É muito frequente a abordagem do comércio varejista que anuncia pagamentos “em dez vezes sem juros no cartão”. Quando perguntamos sobre a possibilidade de pagamento à vista, o vendedor normalmente responde que o preço é igual e que nenhum desconto pode ser concedido. Agora que você já sabe como as coisas funcionam, é bem provável que situações como essas ocorram com maior frequência. É evidente que, também nessa situação, existe uma diferença relevante entre receber o dinheiro todo de uma vez ou receber em dez vezes. Alguém está financiando o lojista, cuja vocação é vender mercadorias e não financiar o consumidor, tarefa essa dos bancos e financeiras. Quem financia a compra parcelada é a administradora do cartão de crédito, que aplica um desconto sobre o valor da venda e entrega para o lojista, à vista, o dinheiro que ele precisa para o capital de giro. Não raro, conseguimos um bom desconto à vista, desde que a forma de pagamento seja cheque ou dinheiro. O comerciante deixa de pagar 10%, por exemplo, para a administradora do cartão, e concorda em conceder um desconto de 5% a 10% para o cliente, principalmente quando ele é conhecido, o que afasta a possibilidade de o cheque ser roubado, devolvido por falta de fundos ou qualquer outro motivo que impeça o recebimento.

Nada é de graça. Não existe financiamento sem juros, e agora você sabe disso. Planeje muito bem antes de comprar, se você tiver 50% ou mais para dar de entrada, espere para realizar a compra à vista. Lembre-se de que a riqueza deve ser distribuída para você e não para o comerciante.





ESTOU DEVENDO: E AGORA, COMO VOU PAGAR?

A grande preocupação daqueles que se endividaram e não conseguiram pagar são as consequências do ato de não pagar. Nesta unidade, vamos buscar formas de evitar o inadimplemento, assumindo nossas responsabilidades pela dívida e buscando encontrar soluções para o problema. As taxas de juros cobradas pela grande maioria das instituições financeiras no Brasil ainda são muito elevadas e, mesmo quando estão em queda, o benefício resultante chega timidamente ao consumidor final. Entendemos que alguns fatores buscam justificar a diferença (muitas vezes fora da realidade) conhecida como *spread* bancário, que é grosseiramente o quanto os bancos ganham nas operações de crédito (o valor do aluguel do dinheiro).

Para que possamos ter uma noção, o Brasil possui a mais alta taxa de *spread* bancário do mundo. Em 2015, o *spread* médio brasileiro foi de 31,3 p.p., enquanto o *spread* médio de países como a Itália, Japão, Nova Zelândia, Suécia, Chile e Malásia foi de 1,9 p.p., ou seja, o *spread* brasileiro foi 16,4 vezes maior. A justificativa muitas vezes apresentada pelas instituições financeiras é de que a inadimplência é alta. A fins de comparação, a Itália possui inadimplência três vezes maior que o Brasil e o *spread* oito vezes menor. De acordo com o Banco Central do Brasil (BCB), o *spread* possui em sua composição cinco componentes: a) compulsório, que parte do valor recolhido ao Banco Central (3%), b) custo administrativo (4%), c) impostos diretos (21%), d) margem líquida (26%) e inadimplência (46%). Como é possível perceber, quando o banco te empresta alguma coisa, ele cobra na taxa um percentual que reflete aqueles que não pagarão o empréstimo. Na prática, se ninguém ficasse devendo, a taxa deveria ser a metade do valor.

Observamos que aumentar a taxa de juros cobrada nos empréstimos é a saída mais fácil para os bancos. Mas, quando o momento é de redução da taxa de juros no mercado, os bancos precisam aprimorar seus processos de análise e concessão de crédito para reduzir e manter o índice de inadimplência baixo, de forma a não impactar negativamente seus resultados. Já quem toma crédito precisa avaliar e identificar maneiras de resolver a situação de inadimplência. Não adianta culpar ou responsabilizar o banco pela alta taxa de juros, o que podemos fazer é reduzir o poder desse argumento, assumindo a responsabilidade perante o compromisso. Sabemos que muitos podem ter sido os motivos que o levaram a não pagar a dívida. Do ponto de vista prático, isso também pouco importa nesse momento. Vamos apontar alguns aspectos que precisam ser observados pelos tomadores de crédito, antes e durante o processo, para evitar a inadimplência.



VOCÊ SABIA?

O saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN) totalizou R\$ 3,5 trilhões. Para você ter uma ideia de quanto é 1 trilhão, se você contasse a partir do zero, a cada 1 segundo, demoraria aproximadamente 31.688 anos para contar. Esse é o total de operações de crédito realizadas somente no Brasil em fevereiro de 2020. Apenas nesse mês citado, foram concedidos R\$ 307 bilhões.

Fonte: https://www.bcb.gov.br/content/estatisticas/docs_estatisticasmonetariascredito/Nota%20para%20a%20imprensa%20-%20Estat%C3%A1sticas%20Monet%C3%A1rias%20e%20de%20Cr%C3%A9dito.pdf

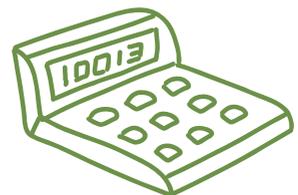
O primeiro grande aspecto está diretamente relacionado com o planejamento. Pedir dinheiro emprestado é uma decisão muito séria. O empréstimo coloca à sua disposição o dinheiro necessário para executar um projeto. Esse capital, adicionado aos juros da transação, será devolvido no prazo e em parcelas previstas e lançadas em seu orçamento. Boa parte da inadimplência pode ter sido provocada pela falta de planejamento antes da solicitação do crédito. Com o planejamento, é possível, portanto, identificar com clareza o montante da dívida, a destinação dos recursos, a taxa de juros e outros encargos, a forma e o prazo de pagamento, as garantias etc. Por isso, demonstre ao seu credor que você deseja pagar. Não vai adiantar se esconder. Aquela história de que depois de cinco anos o débito desaparece não é totalmente verdade. Ele não deixa de existir. Você terá o débito com a instituição até realizar o pagamento. O que deixa de aparecer é o nome nos órgãos de proteção ao crédito, como a Serasa, o SCPC, a Boa Vista Serviços etc. Veja que existe uma grande diferença.

Obviamente que, para cumprir o que foi combinado, você precisa do empenho de todas as pessoas envolvidas. O orçamento nunca é individual, e sendo familiar, assim como o das pequenas empresas, costuma ser apertado e já estar comprometido com outras despesas regulares. Entretanto, o orçamento terá de prever o novo compromisso proveniente da operação de crédito. Será necessário deixar de lado alguma coisa e abrir espaço para essa nova despesa. Construir um histórico positivo com a instituição financeira certamente contará a seu favor e contribuirá para a redução da taxa de juros de futuras operações de crédito. Costumamos dizer que, em geral, o banco te dá o guarda-chuva quando está sol e quando chove ele pega o guarda-chuva de volta. Essa pequena brincadeira reflete uma realidade. Quanto melhores condições você tiver para pagar, mais fácil será o processo de concessão do empréstimo.



O primeiro passo para começar a pagar a sua dívida é se conscientizar de que ela não irá sumir, não será paga por nenhum anjo e você terá que assumi-la. Reúna sua família ou seus sócios para tomarem, juntos, a decisão do que é possível economizar ou quais despesas cortar para aumentar a sua capacidade de pagamento. A venda de alguns bens é uma alternativa que pode criar a disponibilidade do capital necessário, ou de parte dele, além de reduzir despesas regulares do seu orçamento. O carro pode ser um exemplo. Ao ficar sem ele por um tempo, você poderá regularizar as suas pendências financeiras e colocar suas finanças em ordem. O importante é você encontrar um espaço no seu orçamento que lhe permita assumir a dívida. Não adianta pagar a primeira parcela e depois romper com o acordo. A mensagem que você manda para o banco fazendo isso é que sua capacidade de pagamento continua a mesma de antes, dificultando ainda mais as coisas no futuro.

Depois de encaixar dentro do seu orçamento, vem o passo seguinte que é a negociação da dívida. Via de regra, quanto mais antigo o contrato, as condições costumam ser melhores. Todavia, é necessário tomar bastante cuidado ao adotar esta estratégia. O banco pode não ser paciente o suficiente e lhe acionar na justiça, o que pode ser um problema um pouco mais grave. Antes disso acontecer, negociar com os credores, em especial com o banco, é mais do que uma alternativa, pode ser a solução. A inadimplência não é um problema só seu. A instituição financeira é parte interessada e deve ajudar você a resolver a questão. Lembre-se de que ela só ganha dinheiro se você pagar. Ela poderá renunciar à parte do ganho para não perder. Afinal de contas, se você não pagar, ela não recebe. É um bom ganha-ganha. Também não vai adiantar muito dizer ao banco que você não pode pagar. Lembre-se de que você fez a dívida e é responsável por ela. Mostre ao seu credor seu planejamento financeiro, os cortes que fará e a mudança de hábitos de consumo e reforce seu compromisso de pagar. Tanto o banco como você irão encontrar a taxa de juros e prazo de pagamento que cabe em seu orçamento e viabiliza a quitação do empréstimo em aberto. Assim fica bom para todo mundo.



Uma alternativa da qual podemos lançar mão é a antecipação da restituição do imposto de renda. Se você tem direito à restituição de imposto, isso quer dizer que você pagou mais (retenção na fonte) do que devia e vai receber algum dinheiro de volta. Ou seja, você tem crédito junto à Receita Federal a ser pago em prazo não determinado, na conta bancária que você indicou. Quando uma instituição financeira antecipa o valor dessa restituição, ela está, na verdade, emprestando dinheiro a você com a “garantia” dessa entrada proveniente da Receita Federal. O empréstimo vence na mesma data em que a Receita creditar sua restituição na conta cadastrada. Naturalmente, a instituição irá lhe cobrar juros nessa transação, pois se trata de uma operação de crédito como outra qualquer com a vantagem de existir uma garantia (o valor da restituição) tornando as taxas mais atrativas.

Pense bem antes de optar pela antecipação: você está assumindo o risco de eventualmente cair na malha fina e, talvez, não receber a restituição da Receita Federal por conta de alguma irregularidade na declaração. Isso só é uma opção válida se existe uma situação de dívidas a pagar ou de grande desequilíbrio nas finanças.



VOCÊ SABIA?

A Receita Federal reteve, em 2019, aproximadamente 700.000 declarações na malha fina devido a inconsistências nas informações prestadas. Quando entram para a malha final, as declarações ficam retidas para verificação de pendências e eventual correção dos erros. As restituições são pagas somente após a questão ter sido resolvida. As principais razões que levaram à retenção da declaração no mesmo ano foram: a) omissão de rendimentos do titular ou seus dependentes; b) despesas médicas; c) divergências entre o IRRF informado na declaração e o informado no DIRF; d) dedução de previdência oficial ou privada, dependentes, pensão alimentícia e outras.

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-02/agencia-brasil-explica-saiba-como-evitar-cair-na-malha-fina>

V

OU TIRAR O SEU NOME DO SPC

Como vimos nas unidades anteriores, mais de 60% das famílias possuem dívidas assumidas com cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, prestação de carro e seguro. Isso significa que as famílias utilizam crédito (pagando pelo aluguel do dinheiro) para realizar seus projetos de vida. Até aí nada de errado. Pelo contrário, o crédito é uma forma legítima de viabilizar a realização de projetos para os quais as famílias não dispõem de recursos imediatos, ressaltando tudo o que já conversamos anteriormente.

Este tópico está muito relacionado com o seu comportamento de consumo e pagamento. Esses itens, embora ignorados pela maioria das pessoas, são os que mais influenciam quando o assunto é crédito. Sabemos que aproximadamente 30% da renda das famílias é destinada ao pagamento de dívidas assumidas e que, desse total, 20% admitem ter a sua renda comprometida em mais de 50% com suas dívidas. Imagine você trabalhar um mês inteiro para, quando receber o seu salário, fruto do seu esforço, entregar metade para pagamento de dívidas. É realmente frustrante e desalentador. Um outro dado alarmante, porém tenho certeza de que não é sua situação, é o fato de que mais de 5% das famílias sequer sabem informar qual a parcela da renda familiar empenhada com dívidas, ou seja, pagam suas dívidas sem saber exatamente o quanto elas representam da sua renda.

O comportamento de pagamento é um dos itens que mais influenciam na concessão de crédito e, principalmente, na taxa de juros cobrada. Lembre-se de que o risco está relacionado diretamente com a taxa. Estudos mostram que cerca de 20% das famílias ainda não pagaram contas vencidas há 60 dias, ou seja, duas em cada dez pessoas não conseguiram pagar suas contas no vencimento. Outras, em situação ainda mais crítica, declaram não ter condições de quitar compromissos assumidos. Nesse caso, a negociação é fundamental antes que a situação se agrave ainda mais. Não tenha vergonha

nem se sinta constrangido em ser um devedor. Lembre-se de que metade da população deve também. Porém, encontrar uma solução é responsabilidade sua.

O principal motivo do atraso no pagamento de cerca de 40% das dívidas registradas no SCPC (Serviço Central de Proteção ao Crédito) é o descontrole financeiro. Um bom planejamento (desses que aprendemos até aqui) evitaria essa situação desgastante que deve levar meses (ou até anos) para ser resolvida. O desemprego, por outro lado, responde por 23% dos casos de inclusão na lista de devedores. Claro que essa situação pode ser imprevisível e totalmente fora do seu controle. No entanto, a reserva de emergência pode ajudar a amenizar o problema. Outro dado para te ajudar a refletir sobre o assunto é que 64% da população já esteve ou está com o nome nesse tipo de cadastro negativo. O ideal é ficar longe dessa estatística e criar um histórico de bom pagador para reduzir os encargos em futuras operações de crédito.



VOCÊ SABIA?

Lentamente, a quantidade de brasileiros com nome sujo cai, com o aumento da confiança na recuperação da economia. Mas o Brasil ainda tem 60,4 milhões de inadimplentes, segundo a Serasa. Se você é um deles, é hora de buscar informações para regularizar sua situação. Pensando nisso, o site EXAME preparou um guia de mitos e verdades sobre nome sujo, para esclarecer quais restrições a negativação traz e quais são seus direitos nessa situação. Confira, no link abaixo, a lista de mitos e verdades e corra para limpar seu nome e reduzir as estatísticas.

Fonte: <https://exame.com/invest/minhas-financas/15-mitos-e-verdades-sobre-nome-sujo-no-serasa-spc-e-spc/>

Uma boa reflexão é pensar em inverter a ordem das coisas. Depois de levar a mercadoria para casa, você terá de enfrentar o desafio de pagar 10, 12 parcelas que serão religiosamente cobradas na sua fatura. Se você tem disciplina para isso, por que não poupar antes de comprar? Como vimos, com dinheiro na mão, pode-se negociar um bom desconto à vista e eliminar o risco de perder o controle no meio do caminho e cair na armadilha dos juros altos.

A grande questão é que, para sair do SPC e demais órgãos de restrição ao crédito, é necessário planejamento e renegociação de dívidas. Sabemos que situações como essas são desgastantes e nos tiram as noites de sono. Um problema financeiro sem a devida solução e encaminhamento pode gerar outros problemas, inclusive de saúde. Quantas pessoas não sofrem de depressão ou até mesmo de problemas coronários em função do estresse com situações relacionadas às finanças. Mais do que um problema financeiro, não resolver poderá agravar tudo em sua vida.

Imagine um cenário hipotético (não estranhe se ele não for tão hipotético assim e você se identificar), em que você não está dando conta de pagar as dívidas que contraiu quando ficou desempregado. Você descobre, do jeito mais difícil, como faz falta não ter uma reserva de emergência para enfrentar imprevistos como esse. Não controlou as despesas, pagou somente a parcela mínima do cartão de crédito, entrou no cheque especial e atrasou o financiamento do carro. Como o novo emprego demorou mais do que o esperado, você adquiriu um empréstimo no banco e acumulou dívidas de sete vezes o valor do seu salário. Nessa situação, como organizar a sua vida financeira?

O primeiro passo é organizar as informações e apurar o saldo devedor em cada uma das instituições financeiras e os juros de cada operação. Na sequência, você deverá convencer seus credores a aumentar o prazo de pagamento e diminuir os juros. Esse efeito vai reduzir substancialmente o valor das suas parcelas. A partir daí, você deve controlar melhor o seu fluxo de caixa, definir os limites que seu orçamento comporta e estar preparado para negociar com os credores e entender que eles têm todo o interesse de ajudá-lo a encontrar uma saída, pois é melhor receber menos do que não receber nada.

A última coisa a fazer nessa situação é esperar o problema se agravar. Se você está utilizando praticamente todo o limite do cheque especial ou parte dele por mais de 30 dias, é hora de agendar uma reunião com seu credor para trocar a modalidade de crédito por outra mais barata. Se você não fizer isso espontaneamente, é grande a chance de seu credor tomar essa iniciativa, frente ao sinal evidente de inadimplência a caminho. É recomendável você analisar a possibilidade de vender um bem (caso você tenha) e fazer caixa para quitar a dívida atrasada de uma vez só. O desconto que as instituições financeiras estão dispostas a conceder nesses casos é muito generoso, variando de 60% a 90% do valor à vista.

Depois de tudo solucionado, as coisas começam a voltar para o lugar. Vai surgir aquela sensação de que tudo está no eixo novamente, de que as contas estão em dia e o seu nome já não se encontrará mais inscrito no serviço de proteção ao crédito. Um verdadeiro alívio é saber que o orçamento está funcionando. No entanto, algumas coisas precisam ser compreendidas mesmo após o pagamento da sua dívida. Um ponto inicial é que o pagamento e baixa da dívida é o primeiro passo. Nas unidades anteriores, comentamos que as instituições financeiras analisam o comportamento de consumo. Isso nada mais é do que a maneira como você utiliza o crédito, como você paga as suas contas e qual o seu comportamento. Com base nessas informações, é criado um histórico que norteará a concessão de crédito novamente. Em um primeiro momento, você acabou de pagar sua dívida, mas ainda existe um histórico recente de inadimplência. Quanto mais longe estiver a data do pagamento da última dívida inscrita, menos esse fator pesa na análise de crédito. Quanto mais contas você tiver no seu nome e forem pagas dentro do vencimento, sem atrasos, nem multa, nem juros, melhor será o seu histórico recente.



Muitas empresas de proteção ao crédito trabalham com uma sigla chamada *score*, que nada mais é do que a sua nota frente ao órgão. Quanto maior a nota, menor é a chance de você não pagar em dia, ou seja, o seu comportamento de consumo e hábito de pagamento pesam bastante nessa nota. Às vezes, uma simples consulta ao serviço de proteção é suficiente para derrubar a sua nota, visto que se entende que você está em busca de crédito. Obviamente, se isso acontecer de forma esporádica, não haverá nenhum impacto relevante. Se você buscar crédito a todo momento nas mais diversas instituições financeiras, isso, sem dúvida nenhuma, afetará a sua nota.

Serasa Score	Risco de atraso
900 a 1000	5%
800 a 899	10%
700 a 799	15%
600 a 699	19%
500 a 599	25%
400 a 499	33%
300 a 399	45%
200 a 299	83%
100 a 199	93%
0 a 99	96%

Tabela 3 - Score e Risco de Atraso
Fonte: Serasa (2024).

Na íntegra, o *score* de crédito corresponde a um sistema de pontuação que classifica os consumidores quanto à capacidade de pagamento de suas contas, ou seja, leva em consideração seus hábitos de pagamento e consumo. Essa pontuação costuma variar entre 0 e 1000 e apresenta a reputação financeira de uma pessoa. Então, quanto maior a pontuação do consumidor, melhor pagador ele aparenta ser. Ela é calculada levando em consideração situações como a quantidade de contas pagas na data do vencimento, informações referentes a dívidas negativas atuais e já liquidadas, além do relacionamento bancário. Uma boa dica para aumentar o seu *score* é quitar suas dívidas atrasadas e manter o seu nome limpo. Além disso, pague sempre suas contas em dia. Caso você possua um cartão de crédito, busque utilizar no máximo até 30% do limite total, não comprometendo o total do limite oferecido pela administradora de cartões. É importante ressaltar, no entanto, que a renda não guarda relação com o *score*, ou seja, você pode até ganhar muito (ou pouco), porém o *score* será relativo ao seu comportamento, e não ao quanto você ganha.

Por fim, o cadastro positivo é uma novidade recente que pode ajudar ainda mais na concessão de crédito. Esse cadastro foi criado para reunir o histórico de crédito do consumidor para consulta por instituições durante o processo de análise de crédito. Entretanto, é necessário muita cautela, uma vez que, da mesma forma que traz impactos positivos, ele poderá trazer impactos negativos. Se você possui dívidas em atraso ou em situação de negociação, procure primeiro resolver o débito antes de participar do cadastro. Assim como no *score*, o cadastro positivo leva em consideração a sua pontualidade, o comportamento de gastos e a quantidade de consultas realizadas no sistema, além do histórico detalhado sobre sua rotina de pagamento.



NA PRÁTICA

Entre as diversas empresas que possuem o Cadastro Positivo, a Boa Vista Serviços oferece gratuitamente a consulta e o cadastro que tem tudo para ser um grande aliado do seu CPF. Ele funciona como um boletim escolar, que registra os pagamentos que você fez no seu histórico de crédito e transforma esse comportamento em nota (ou pontuação). Por isso, permite uma análise mais justa na hora que você pedir crédito, pois sua capacidade de pagamento também vai ser considerada!

Fonte: <https://www.consumidorpositivo.com.br/cadastro-positivo/>



**O DINHEIRO QUE TRABALHA:
INVESTIMENTOS**

03



VOCÊ SABIA?

A segunda edição da pesquisa Raio X do Investidor Brasileiro, realizada com o apoio do Datafolha, traça os hábitos de poupança e de investimento dos brasileiros de Norte a Sul do país. O estudo, com dados de 2018, coletados por meio de entrevistas com 3,4 mil pessoas, apresenta diversos achados sobre o comportamento dos investidores e da população quando o assunto é dinheiro, além de trazer um comparativo entre a primeira pesquisa, divulgada em 2018, e a de 2019. Aqui você vai encontrar os dados mais importantes, comparativos entre os dois estudos realizados até hoje e os principais materiais que saíram na mídia. Para conferir a pesquisa na íntegra e se aprofundar no tema, baixe o relatório completo e consulte os dados brutos na Central de Informações sobre o Investidor Brasileiro.

Fonte: https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2019.htm

De início, eu gostaria que você soubesse que só o controle na ponta do lápis e você abrir mão de prazeres imediatos vão te possibilitar guardar parte da renda recebida. Agora, se você tem dificuldade de viver de salário, pode imaginar como será difícil viver de renda na aposentadoria. Guardar dinheiro e fazer um investimento, em qualquer modalidade, quer dizer colocar o dinheiro para trabalhar para você. Com certeza você já ouviu falar da máxima que diz que “dinheiro chama dinheiro”, não é? Investir dinheiro sempre e de forma disciplinada faz com que os juros capitalizados ao longo do tempo te ajudem a gerar capital, que, por sua vez, gera rendimento. Claro que no começo é meio desesperador. Geralmente, começamos com bem pouco e o rendimento naturalmente acaba sendo pouco também. À medida que o capital vai crescendo, os juros crescem proporcionalmente. A parte boa disso tudo é que seu trabalho deixará de ser o único provedor de renda, ou seja, você recebe seu salário, aumenta seu capital e parte volta para você na forma de juros, ou

seja, você tem mais um gerador de renda. No início, esse gerador de renda pode ser responsável por menos de 0,5% da sua renda, porém, à medida que o tempo passar, você perceberá que esse percentual irá aumentar mês a mês. No limite, seus projetos se viabilizam e o sonho de viver de renda na aposentadoria passa a ser uma possibilidade.

Quando se busca uma melhor alternativa de investimento, estamos em busca de alternativas que possuam três grandes atributos: segurança, liquidez e rentabilidade. O grande problema desses atributos é que é praticamente impossível encontrar todos eles em um único produto de investimento. Cada investidor (é assim que vou te chamar daqui em diante) possui um perfil diferente do outro, de forma que algo que é importante para um pode não ser para outro. O primeiro grande passo é procurar compreender o seu “apetite” dentro desses três grandes atributos. Sabendo que teremos que calibrá-los para melhor encontrar o nosso perfil, é provável que você renuncie a um em detrimento do outro.

Existe uma palavra bonitinha chamada *suitability*. Ela pode ser traduzida de maneira bem objetiva para o português com o significado de “adequação”. Ela nos ajuda a traçar o perfil de risco do investidor, neste caso, você. Geralmente, ela pode ser compreendida a partir de algumas perguntas básicas que você deve fazer antes de começar. A primeira delas, e talvez a mais importante, é: qual a sua tolerância ao risco? Partindo dessa pergunta, outros questionamentos ajudam a traçar o seu perfil. Em linhas gerais, podemos afirmar que, neste questionário, você dará ao banco ou à corretora informações como idade, horizonte de aplicação, finalidade do investimento, entre outras. Com isso nas mãos, a instituição avaliará sua tolerância ao risco e poderá lhe oferecer produtos mais adequados. Além de entender quanto risco você está disposto a correr, deve-se perguntar o seu objetivo (onde quero chegar), o tempo (em quanto tempo) e o valor que tenho disponível (quanto eu tenho hoje).

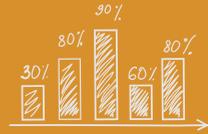


NA PRÁTICA

A Fundação Bradesco oferece diversas opções de cursos para você adquirir novos conhecimentos e, também, turbinar o seu currículo. Com diferentes aplicações no sistema econômico, a Matemática Financeira está muito presente em questões do nosso dia a dia. É o caso do financiamento de uma casa, das compras realizadas com cartão de crédito, de investimento em ações, entre muitos outros exemplos de movimentações que envolvem juros, ganho de capital, porcentagens etc. Este curso foi desenvolvido para que você possa aprender conceitos básicos dessa disciplina por meio da calculadora HP 12C. Além das explicações teóricas, há exemplos práticos e exercícios para ajudá-lo a fixar os conceitos que podem ser aplicados tanto em sua vida pessoal quanto na profissional. Você verá, ainda, as principais funções da calculadora. Para isso, começará pelas operações mais simples até chegar a cálculos mais complexos. No total, o curso está dividido em treze módulos, que apresentam os principais temas da Matemática Financeira, entre eles juros simples, capitalização composta, desconto e conceito de taxas.

Fonte: <https://www.ev.org.br/curso/contabilidade-e-financas/matematica-financeira-com-o-uso-da-hp-12c?return=/cursos/contabilidade-e-financas>

Colocar o dinheiro para trabalhar para você é um desafio, porém a sensação de satisfação ao obtê-lo é muito maior do que aquela que temos quando adquirimos algo. Quando compramos alguma coisa que queríamos muito, o tempo vai passar e provavelmente você nem se lembrará da sensação boa de ter conseguido comprar, já com os seus investimentos, acompanhar a evolução do seu saldo investido e saber que todo o seu sacrifício de acordar cedo, trabalhar e se esforçar para ganhar dinheiro não foi em vão é fantástico e viciante. Você vai querer investir cada vez mais para poder colocar o seu dinheiro para trabalhar mais e mais para você.



APLICAÇÃO NÃO É O QUE SOBRA

Já imaginou que maravilha ter uma fonte de renda para complementar seu orçamento mensal sem que isso dependa do seu trabalho? Pois é isso que o dinheiro investido vai fazer por você. Ele trabalha, aumenta o dinheiro que você investiu e permite que você colha frutos e se beneficie do pagamento de juros tempos depois. Claro que eu tenho certeza de que você sonha com essa possibilidade, inclusive de parar de trabalhar um dia, descansar e colher os frutos do pagamento dos juros das suas aplicações.

Seria ingênuo pensar que o valor da previdência social seria suficiente para custear suas despesas. Estatísticas do Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS) são cruéis e apontam que 46% dos brasileiros que se aposentam dependem de parentes para sobreviver. 2,5% são, inclusive, obrigados a continuar trabalhando. Outros 27% dependem de caridade e apenas 2% dos brasileiros conseguem se manter sem nenhuma fonte externa de renda. É um absurdo! Essa pequena minoria, da qual eu gostaria que você fizesse parte, colocou o dinheiro para trabalhar, provavelmente muito cedo, com a disciplina e determinação de quem sabia que um dia seria recompensado. Pense a respeito disso.

Fica muito claro que, se você não quer depender de ninguém e, principalmente, ter uma aposentadoria tranquila, você precisa começar a pensar a respeito disso agora. Encare a sua poupança como uma dívida com você mesmo. Acho que você já está convencido de que seu esforço será recompensado. Por onde começamos então? O hábito de poupar precisa ser alimentado com um local para investir. Muito se fala de poupança. É ruim, é boa, rende pouco, é segura etc. Cada um tem a sua opinião formada sobre ela. Se você perguntar para um leigo (já que agora você conhece um pouco de finanças pessoais), ele vai te recomendar colocar na poupança. E não há nada

de errado nisso. A poupança mudou, é fato, mas continua o mesmo porto seguro de sempre. A partir de 2012 entrou em vigor uma nova regra, porém nada de muito diferente. As contas anteriores a essa data continuam a render juros de 0,5% a.m., além da variação da TR (taxa referencial). As novas contas levam em consideração a taxa Selic (que vamos conversar a respeito um pouco mais à frente). Se a taxa for igual ou inferior a 8,5% ao ano (em abril de 2020 ela estava em 3,75% ao ano), a remuneração será de 70% da taxa Selic mais a TR. Se acima de 8,5% ao ano, vale a remuneração antiga de 0,5% mais a TR.

A remuneração proporcionada pelos depósitos em poupança continua isenta de imposto de renda para pessoas físicas e não há custos incidentes sobre esse tipo de depósito. Ou seja, o que rende é seu. Essa combinação de fatores proporciona uma vantagem competitiva em relação a outros produtos de investimento. No cenário em que a taxa Selic seja menor que 8,5%, a poupança bate facilmente fundos de investimento que cobram taxa de administração superior a 0,75% ao ano e sai vitoriosa também contra as aplicações em CDB (Certificado de Depósito Bancário), que normalmente costumam pagar 90% da taxa DI (que veremos em breve). Ela também não perde da maioria dos fundos de previdência complementar, que cobram taxa de carregamento dos pequenos investidores, além da taxa de administração. Em determinadas circunstâncias, ganha até do Tesouro Direto, dependendo do nível das despesas pagas pelo investidor. Ruim ou boa, ela continua sendo o destino de quase 88% de todos os investimentos realizados por pessoas físicas. Não dá para dizer que é tão ruim assim, concorda?



VOCÊ SABIA?

Poupança registra resgate líquido de R\$ 3,6 bi em fevereiro de 2020. Após registrar captação líquida de R\$ 13,33 bilhões em 2019, a poupança acumula resgate líquido de R\$ 14,30 bilhões até o dia 12 de março de 2020. No mesmo período de 2019, houve resgate líquido de R\$ 12,39 bi. No link abaixo, são exibidos os saldos e as captações (ou resgates) líquidas anuais desde 1995.

Fonte: <http://minhaseconomias.com.br/blog/investimentos/saldo-captacao-poupanca>

Pensando no tripé do qual falamos na unidade anterior, podemos pensar que a poupança possui segurança (garantida pelo FGC), possui relativa liquidez (já que, para obter o rendimento, o valor necessariamente precisa ficar investido pelo menos 30 dias), porém, na rentabilidade, como vimos, ela não é considerada uma aplicação que lhe deixará rico no curto e médio prazo. Partindo dessa premissa, vamos conhecer outras modalidades que permitam que você, correndo um pouco mais de risco, abrevie um pouco mais o tempo. Para isso, será necessário negociar uma boa taxa de juros. Antes, porém, será necessário compreendê-la.

A taxa Selic é a taxa média ponderada das operações de financiamento por um dia, feita no mercado financeiro, lastreada (teve seu peso/valor aumentado) em títulos públicos federais, na forma de operações compromissadas. Não entendeu nada, né? Funciona assim: os bancos precisam zerar seus caixas diariamente. Não podem ficar com caixa negativo, mas não faz sentido deixar um monte de dinheiro parado, sem render nada. As negociações entre os bancos são realizadas diariamente com aqueles que têm excesso de caixa e aqueles que precisam de caixa. Como isso funciona? O empréstimo de um banco para o outro é formalizado pela compra e venda de um título público, acompanhado de um termo de compromisso de recompra/revenda para o dia seguinte. A taxa que remunera essa operação de curtíssimo prazo (de um dia para o outro), com garantia de excelente qualidade e liquidez (uma vez que são transacionados títulos públicos), é a taxa Selic, apurada pelo Sistema Especial de Liquidação e Custódia (agora você já sabe de onde vem o nome). Embora remunere transações de um único dia, ela é expressa em termos anuais, sendo calculada com base em 252 dias úteis. Você já deve ter ouvido falar no tal do COPOM, que é o Comitê de Política Monetária do Banco Central do Brasil. É ele que estabelece a meta para a taxa Selic com base na inflação esperada para o período, política monetária utilizada pelo Banco Central para o cumprimento da meta de inflação do país. Mas aí você pode estar pensando: por que eu tenho que saber sobre isso? Você precisa conhecer a base das taxas que serão oferecidas para você. Para isso, vamos conhecer outra taxa que serve como referência para as taxas utilizadas nas aplicações financeiras.

Outra importante taxa é a taxa DI (disponibilidade diária), muito conhecida no mercado, e que, assim como a taxa Selic, refere-se a transações feitas entre instituições financeiras pelo prazo de um dia. A diferença é que a garantia da operação é um título privado, o Certificado de Depósito Interbancário (CDI), emitido pelo banco tomador de recursos a favor do banco doador. Suponha que a taxa Selic ou a taxa DI permaneça estável na faixa de 4% a.a. Você vai ao banco e o gerente lhe oferece uma remuneração de, por exemplo, 120% da taxa DI. Ele provavelmente irá lhe oferecer algo maior que 100% se, em contrapartida, você fizer um aporte com valor e prazos maiores. É aí entra a negociação da taxa. Imagine que 100% da taxa não é difícil de conseguir, porém um patamar maior com certeza envolverá algo da sua parte.

A taxa Selic e a DI oscilam ao longo do tempo. O investidor não sabe exatamente quanto vai ganhar, mas sabe que ganhará determinado percentual dessa taxa, seja ela qual for. Lembrando que as taxas são ponderadas por períodos da operação. Imagine uma operação de 12 meses, na qual nos 6 primeiros a taxa for de 4% e nos seis meses restantes de 3%, a média será 3,5%. Agora que você já sabe como as coisas funcionam, já tem plena condição de negociar a melhor taxa para o seu investimento.

Uma das possibilidades é o CDB (Certificado de Depósito Bancário). Na prática, nada mais é do que um produto emitido pelos bancos para captar recursos, no qual você “empresta” dinheiro aos bancos que, em contrapartida, devolvem a quantia aplicada com uma remuneração, conforme o prazo de vencimento do título. O rendimento varia de acordo com cada banco. Os juros pagos podem ser pós-fixados, em que o rendimento normalmente é ligado à taxa DI ou Selic (agora você já sabe o que é) ou prefixados, em que o banco negocia previamente com o investidor a taxa a ser remunerada.

A maior parte dos CDBs tem o rendimento atrelado ao CDI ou à taxa DI, que, como sabemos, segue um percentual bem próximo ao da taxa Selic. Um dos riscos do investimento em CDB é o caso do banco emissor quebrar ou falir. No entanto, esse tipo de investimento, assim como a poupança, conta com a cobertura do FGC (Fundo Garantidor de Crédito).



VOCÊ SABIA?

O FGC é uma instituição privada, sem fins lucrativos, cuja missão é proteger investidores no âmbito do sistema financeiro nacional e prevenir o risco de uma crise bancária sistêmica. Em outras palavras, é um mecanismo que garante aos clientes das instituições financeiras associadas a recuperação do patrimônio investido, em caso de decretação de regime de intervenção ou liquidação extrajudicial. O FGC foi criado em 1995 diante da crescente preocupação das autoridades com a estabilidade do sistema financeiro. Embora o próprio órgão afirme não ser apenas um “pagador de dívidas”, que só surge em cena em momentos dramáticos, alguns investidores mais conservadores se apegam à existência do FGC para tomar decisões. Conheça mais no link abaixo:

Fonte: <https://www.fgc.org.br/garantia-fgc/sobre-a-garantia-fgc>

De forma geral, os investidores estão sempre em busca de ganhar mais. Como já vimos, o risco e o retorno andam juntos. Se você quer ganhar mais, obrigatoriamente precisa estar disposto a correr um risco maior. Nesse sentido, existem basicamente poucas maneiras de aumentar seus rendimentos: a) aumentar o risco da sua carteira de investimentos para tentar ganhar mais; b) reduzir os custos operacionais; c) reduzir o imposto de renda sobre os rendimentos. Os produtos que apresento a seguir exploram esta última possibilidade.

Antes oferecidas somente para os grandes investidores dos segmentos de alta renda, as LCI (Letra de Crédito Imobiliário) e LCA (Letra de Crédito Agropecuário) estão chegando ao pequeno e médio investidor. Hoje é possível encontrar com valor mínimo de R\$ 5.000,00 para começar a investir, porém o mais comum são aplicações a partir de R\$ 30.000,00. Funciona assim: você empresta dinheiro para o banco comprando um desses títulos e o banco, em contrapartida, empresta para uma empresa do setor imobiliário ou do agronegócio. Como em todo investimento, o principal risco é a incerteza associada à capacidade da empresa emissora do título de pagar seus compromissos, tecnicamente chamado de risco de crédito. Os bancos públicos, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, são os mais atuantes nesse mercado, mas os bancos privados também oferecem essa modalidade de investimento para alguns clientes.

A grande vantagem oferecida por esse tipo de investimento é a isenção do Imposto de Renda. Isso quer dizer que a rentabilidade obtida já é líquida, isto é, dela não é preciso descontar nada. Em outros investimentos mais comuns de renda fixa (como o CDB que vimos há pouco) o investidor paga o imposto seguindo uma tabela regressiva, em que as alíquotas diminuem conforme o tempo que a aplicação é mantida. Para que você tenha uma referência, uma aplicação resgatada antes de seis meses, por exemplo, paga 22,5% de IR sobre a rentabilidade. Já se o saque for realizado apenas depois de dois anos, a alíquota do IR cai para 15%. Com isso, mesmo uma LCI que ofereça um retorno mais baixo que um CDB, por exemplo, pode acabar sendo mais vantajosa para o investidor, além de não haver cobrança de taxa de administração. Igualmente à poupança e ao CDB, as letras de crédito são garantidas pelo FGC.

Agora você já conhece algumas das possibilidades de investimento e já pode começar a pensar onde investir. Você também venceu a primeira etapa do planejamento financeiro e mantém o orçamento sob controle. Já consegue poupar parte da sua renda, construindo uma agradável reserva financeira, além de acumular recursos para atingir objetivos futuros. É muito provável (e eu até recomendo isso) que você comece pela poupança. Porém, à medida que você toma gosto pela coisa de investir e observa o crescimento do seu capital, fruto da disciplina e dos juros recebidos, é natural que cresça seu interesse por outras opções de investimento. Sabemos que é difícil encontrar um investimento com aqueles três atributos (só te lembrando, são eles: segurança, liquidez e rentabilidade).

Os títulos públicos são acessíveis a qualquer um de nós e proporcionam uma boa combinação dos atributos que buscamos em um investimento. Você já deve ter ouvido falar do Tesouro Direto e nem sabia que eram títulos públicos. Na verdade, o Tesouro Direto é o canal de negociação desses títulos. A segurança de um investidor decorre da capacidade de pagamento do tomador dos recursos em cumprir sua obrigação de resgatar o título e devolver o dinheiro no vencimento. Os títulos públicos são os mais seguros do mercado, apontados como “livre de riscos”, considerando quase nula a possibilidade do Governo Federal não resgatar os títulos. Leia-se quase nula, não nula. Lançado em 2020, o Programa do Tesouro Nacional surgiu como forma de democratizar o acesso aos títulos públicos, permitindo aplicações a partir de R\$ 30,00. Ele é uma excelente alternativa de investimento, pois oferece títulos com diferentes tipos de rentabilidade (prefixada, ligada à variação da inflação ou à taxa Selic), diferentes prazos de vencimento e diferentes fluxos de remuneração.

Um investimento é considerado líquido quando o investidor pode vender o título a qualquer momento e receber seu capital de volta. O Tesouro Nacional oferece liquidez semanal, realizando compras às quartas-feiras, a preço de mercado. O investidor que deseja receber a rentabilidade contratada deve esperar pelo vencimento da operação. A aplicação se dá através de um agente de custódia habilitado conforme a lista disponível no site do Tesouro Direto. Esse agente normalmente é uma corretora ou um banco que se responsabiliza pela guarda dos títulos públicos junto à Bolsa, pelo repasse dos juros e pelo resgate, além do recolhimento de impostos. Sobre esse último, os impostos incidentes são os mesmos que incidem sobre as operações de renda fixa, como fundos de investimentos e CDBs.



NA PRÁTICA

O Simulador do Tesouro Direto é uma ferramenta que oferece ao investidor a possibilidade de simular as rentabilidades de seus investimentos no Tesouro Direto e compará-las com outros tipos de investimento em Renda Fixa. Com ele, é possível ver os títulos públicos disponíveis e consultar o histórico de investimentos, resgates, número de investidores cadastrados e os títulos mais rentáveis de cada mês.

Fonte: <https://www.tesourodireto.com.br/simulador/>

Acredito que, ao chegarmos ao final desta unidade, você já esteja convencido de que um investimento não é, nem pode ser, aquilo que sobra. O investimento pode ser questão de sobrevivência, de uma vida confortável no futuro e, principalmente, de tranquilidade. Afinal de contas, se você continuar a tratá-lo como sobra, quem sobrar no final das contas é você. Portanto, tenha muita responsabilidade e consciência com o seu patrimônio, mas também com o seu futuro próspero.



ESCOLHENDO O MELHOR INVESTIMENTO PARA A MINHA RENDA

Quando finalmente conseguimos começar a poupar o nosso rico dinheirinho para atingir os nossos objetivos, ficamos diante de um desafio ainda maior: onde colocar esses recursos poupados com tanto esforço, que precisam ser protegidos e rentabilizados para viabilizar nossos projetos? Se você perguntar a qualquer pessoa o que ela quer de um bom investimento, com absoluta certeza, a resposta será ganhar muito (rentabilidade), correr pouco risco (segurança) e ter seu dinheiro de volta na hora que quiser (liquidez). Já sabemos que algo assim não é fácil de ser encontrado. E, para complicar ainda mais nossa análise, são muitas decisões a serem tomadas: renda fixa ou ações? Qual é o nível de risco de crédito dos emissores de títulos de renda fixa? Taxa prefixada ou pós-fixada? Curto ou longo prazo? Será que vale a pena comprar dólar? Ou será melhor comprar ouro? Quais ações devo comprar? É hora de comprar ou de vender?

São muitas perguntas a serem feitas e poucas as respostas. E isso acontece porque você, provavelmente, não é um profissional de finanças e isso simplesmente não é uma tarefa simples. Aí entra o papel dos fundos de investimento. Ao escolher um fundo, você transfere a um especialista as decisões que você não quer, não sabe ou não tem tempo de tomar. Dessa forma, milhões de pessoas investem coletivamente por intermédio de fundos de investimento. Então vamos entender um pouquinho melhor o que é, como funcionam e, principalmente, como escolher o melhor fundo.

Quando você adere a um fundo de investimento, está contratando a prestação de serviço de um especialista. Significa que ele fará o melhor que puder para rentabilizar seu dinheiro, conforme as regras de cada fundo. Essas regras estão descritas no prospecto do fundo, documento de leitura imprescindível para os investidores tomarem conhecimento das principais informações relacionadas ao fundo que possam de alguma forma influenciar na decisão de investir ou não

em suas cotas. Não há promessa, mas sim a intenção de oferecer determinada rentabilidade. O dinheiro é seu, o risco será sempre seu e a rentabilidade será sua. Se o fundo ganha, você ganha, se o fundo perde, você perde. Simples assim. O administrador recebe uma taxa de administração, qualquer que seja o resultado do fundo. Essa é uma informação importante. Você ganhando ou perdendo a taxa de administração será cobrada, por isso é tão importante conhecer essa informação antes de investir. Essa taxa remunera a prestação do serviço de administrar e gerir o seu dinheiro. Claro que, de forma geral, o desempenho que ele deve atingir tende a ser superior ao que cada cotista, individualmente, conseguiria se investisse sozinho.

O risco do investidor é representado pelos ativos que compõem a carteira do fundo, e não pelo administrador propriamente dito. Isso quer dizer que, se o administrador quebrar e a carteira do fundo for constituída de títulos públicos federais, por exemplo, não acontece nada com o dinheiro dos cotistas (quando você participa de um fundo, recebe cotas e é chamado de cotista). Esses, reunidos em assembleia, podem nomear e manter o fundo ativo. Quando ocorre valorização ou desvalorização dos ativos da carteira, os resultados (positivos e negativos) são refletidos no valor da sua conta e compartilhados entre todos os cotistas.

As decisões de investir competem a você, investidor, e a ninguém mais. Porém, é possível se cercar de alguns cuidados para tomar uma melhor decisão:

a. Escolha um administrador que mereça a sua confiança. Pesquise a respeito da sua reputação e não com relação à rentabilidade passada. Claro, a rentabilidade é importante, porém mais importante que isso é você ter o seu dinheiro de volta.

b. Procure um fundo de investimento com objetivo semelhante ao seu, cuja política de investimento combine com o seu perfil de risco.

c. Fique muito atento ao custo. A taxa de administração incide sobre o capital que está investido (e não sobre somente o investimento inicial). Se ela for muito elevada, sua rentabilidade será reduzida. Quanto maior for o valor aplicado, ela tende a ser menor.

Depois de escolher o seu fundo de investimento, você deve sempre monitorar o processo, verificar se o administrador está fazendo o que é remunerado para fazer e se a política de investimento do fundo está alinhada com as suas expectativas e se está sendo cumprida. Se a rentabilidade estiver muito alta (ou demasiadamente baixa), comparada com fundos da mesma classe, você deve ligar o sinal amarelo. Desconfie e procure saber que estratégias provocaram esse desempenho. O administrador tem a obrigação de explicar e, caso ele se recuse, a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) deve ser acionada para tomar providências sobre o caso.



VOCÊ SABIA?

O mercado brasileiro de fundos está mais sofisticado. Existem milhares de fundos à disposição dos investidores, com estratégias e perfis de risco diferentes. Mas quais realmente valem a pena? Quais fundos e gestores são capazes de entregar retornos consistentes ao longo dos anos e aumentar o patrimônio dos seus cotistas? O *ranking* de melhores fundos do mercado feito pelo InfoMoney em parceria com a escola de negócios Ibmec ajuda a responder a essas perguntas. O objetivo do *ranking* é premiar fundos com rendimentos ajustados ao risco que sejam consistentes. Para isso, a pesquisa, que foi criada em 2019 e está em sua segunda edição, analisa o desempenho das carteiras em um período de três anos.

Fonte: <https://www.infomoney.com.br/onde-investir/ranking-infomoney-ibmec-2020-conheca-os-melhores-fundos-do-pais-em-3-anos-e-na-decada/>

Escolher um fundo, como já observamos, também não parece tarefa fácil (aliás, não teve nada fácil até aqui). Posso imaginar sua dificuldade na busca de um fundo de investimento para acolher suas economias. Os investidores avessos a riscos buscam por alternativas mais seguras e encontram uma oferta muito variada de fundos de renda fixa que, embora possam parecer iguais, são produtos bem diferentes entre si. A expressão “renda fixa” não ajuda e permite que algumas conclusões equivocadas sejam tomadas. Você pensa no nome e logo associa que não há riscos nessa escolha.

Os nomes dos fundos de renda fixa oferecidos no mercado financeiro são uma verdadeira “sopa de letrinhas” que mais parecem códigos e nem sempre colaboram para o entendimento do produto. Existem diversas categorias de fundos de renda fixa com propostas de investimento muito distintas, gerando riscos e rentabilidades muito diferentes. Destaco, para você, alguns tipos para que possa se familiarizar com a natureza de cada um deles.

O Renda Fixa DI é o mais conhecido do público investidor. Classificado como fundo referenciado, esse tipo de fundo tem o compromisso de seguir a variação de seus índices de referência, a taxa DI (olha ela de novo), média das operações com CDI negociadas no mercado interfinanceiro. De forma geral, você não saberá quanto vai ganhar, porém a rentabilidade será próxima a variação da taxa DI, seja ela qual for.

Já a categoria Renda Fixa tem como premissa não acompanhar a taxa de juros básica do mercado. Seu desafio é oferecer rentabilidade superior a essa taxa e, obviamente, correr mais risco. Quem oferece essas carteiras geralmente investe em títulos de taxa prefixada que se beneficiarão em um cenário da queda da taxa de juros. Além de títulos públicos, ocorre a compra de títulos privados com maior exposição ao risco de crédito. Essa categoria é recomendada se você pode dispor de recursos por um prazo mais longo, não inferior a dois anos, e encara a volatilidade dos preços com naturalidade.

Existe uma outra categoria chamada Renda Fixa Índices. Esses nada mais são do que um fundo atrelado a índice de preços, como o IPCA. A maior parte da carteira tende a ser composta por títulos públicos, representando baixo risco de crédito para o cotista. São recomendados para os que buscam proteger seu capital contra a inflação. Representam, também, uma boa alternativa de diversificação e convivem em harmonia com outros investimentos de taxa prefixada ou pós-fixada. São títulos com prazo muito maior aos que tipicamente compõem as demais carteiras e, assim, apresentam maior variação no valor da cota. Apresentam bons ganhos em cenário de elevação da inflação e de queda na taxa de juros e podem apresentar alguma desvalorização em cenário de elevação nos juros.



VOCÊ SABIA?

Você já deve ter ficado curioso a respeito de onde os mais ricos investem. Claro que, quando se tem mais dinheiro, a lista de opções se multiplica. E tem para todos. Um levantamento da SmartBrain mostra que *small caps* entram definitivamente no radar dos investidores e fundos de gestores independentes se consolidam nas listas.

Fonte: <https://valorinveste.globo.com/produtos/fundos/noticia/2020/02/12/conheca-os-fundos-de-investimento-e-acoes-queridinhos-dos-mais-ricos-em-janeiro.ghtml>

A grande maioria das instituições financeiras e, principalmente, das corretoras, oferecem uma grande variedade de fundos. É possível escolher com base em diversos critérios, tais como o perfil de risco do fundo, prazo de resgate, aplicação mínima e tipo de estratégia. É possível criar filtros por lista de gestores, matriz de risco e ainda comparar os diversos tipos de fundos. Abrir a conta em uma corretora em 99,9% dos casos é 100% gratuito.

Esteja atento às oscilações de preço (risco de mercado). Em mercado de juros, moedas e ações, essas variações são consideradas normais. Evite sacar nos períodos de oscilações desfavoráveis e aguarde a recuperação dos preços. Falamos bastante em unidades anteriores a respeito da reserva financeira. Invista essa reserva em um investimento com menor risco de mercado possível para que as oscilações inexistam ou sejam pequenas, por exemplo, poupança, fundo DI e CDBs.

Um ponto importante é que todo rendimento proporcionado pelas diversas modalidades de fundos de investimento sofre incidência do imposto de renda na fonte. Isso significa que o próprio administrador, responsável pelo pagamento dos rendimentos aos cotistas, é também o responsável por recolher o imposto devido. Você paga e o administrador recolhe à Receita Federal. A alíquota de imposto de renda que incide sobre os fundos de investimento de longo prazo é de 22,5% sobre o lucro obtido em aplicações de até 180 dias; de 20% em aplicações de 181 a 360 dias; de 17,5% em aplicações de 361 a 720 dias e de 15% em aplicações acima de 720 dias.

Você, em algum momento, nestes últimos anos, já deve ter ouvido o William Bonner (apresentador do Jornal Nacional, da Rede Globo), dizer que a bolsa de valores bateu o recorde histórico. Você pode até não saber o que é, mas sabe que isso é bom e que alguém deve ter ganhado muito dinheiro. E é verdade. A renda variável é um contraponto à renda fixa. Como o próprio nome diz, renda variável quer dizer que ela pode variar tanto para mais quanto para menos. Embora tentador, o mercado acionário é um mercado que tem por característica a volatilidade dos preços. Quer saber se a bolsa é boa para você? Se faça uma pergunta: risco é sinônimo de perda? Se for, fique de fora dela. Esse mercado não é indicado para você. Busque algo que lhe traga segurança e estabilidade, pois cenários de volatilidade podem lhe deixar muito desconfortável. Outra forma de avaliar é se você concorda com a afirmação de que prefere ganhar menos, mas sempre. Esse é outro sinal para você ficar fora da bolsa. Assumir riscos para tentar ganhar um pouco mais pode não ser a sua praia.

Outro ponto é com relação ao horizonte curto de tempo, no qual você pode precisar do dinheiro a qualquer momento e não pode esperar o melhor momento para vender suas ações. A bolsa de valores pode não ser a melhor opção nessa situação.

Agora se, por outro lado, para você o risco é sinônimo de oportunidade e você se empolga com a volatilidade dos preços das ações, a bolsa é o seu lugar. Naturalmente, os fatores econômicos, políticos e específicos de cada empresa podem afetar o seu valor e, principalmente, o valor das ações. Se você não se incomoda com isso, siga em frente. A busca pelo retorno superior à taxa de juros básica do mercado pode trazer boas oportunidades, desde que você esteja disposto a passar por períodos de alguma turbulência. Só para você compreender o que é essa desvalorização, em março de 2020, o Brasil sofreu com a pandemia mundial do coronavírus. Todas as ações da bolsa caíram consideravelmente. Um exemplo? Uma ação da petroleira Petrobras estava cotada na casa dos R\$ 30,00 e caiu, no pior momento, para R\$ 10,00, ou seja, se você tivesse R\$ 30.000,00 reais aplicados, o valor do seu investimento estaria em R\$ 10.000,00, ou seja, uma perda em poucos dias de R\$ 20.000,00. Evidentemente, com o tempo, os valores provavelmente irão retornar.



Figura 1 - Gráfico Mensal do Ibovespa 2007-2020
Fonte: Profitchart Nelogica (2020).

Não é possível determinar quando, mas elas irão. No mesmo cenário, se você tivesse investido na mesma empresa em 2015, por exemplo, mesmo com essa queda vertiginosa, você ainda teria ganhado 80% sobre o capital investido. Esse pequeno exemplo pode te dar a dimensão do que é aplicar em ações e, principalmente, que esse tipo de investimento deve ser pensado sempre no longo prazo.

Você deve procurar buscar ações de empresas com boa performance financeira e que possuam boas perspectivas. Além da valorização da ação, que é consequência do comportamento de mercado e do desempenho da empresa em determinado período, essa ação lhe dá o direito de receber dividendos. Os dividendos representam a distribuição de lucros auferidos pela empresa aos seus acionistas, sendo pagos normalmente em dinheiro. Ao comprar uma ação, você se torna sócio de uma empresa fazendo jus à parte correspondente no lucro.



VOCÊ SABIA?

Volume diário no segmento de ações da B3 tem alta anual de 71,5% em setembro/2019. Na comparação com agosto/2019, porém, bolsa informa uma redução de 16,5% no volume financeiro médio diário.

Fonte: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2019/10/11/volume-diario-no-segmento-de-acoes-da-b3-tem-alta-anual-de-715percent-em-setembro.ghml>

Se você não tem simpatia por buscar empresas específicas para investir, uma boa alternativa pode ser uma ETF (Exchange Traded Fund). A ETF é um fundo negociado em bolsa que representa uma comunhão de recursos destinados à aplicação em uma carteira de ações e busca retornos que correspondam, de forma geral, à performance, antes de taxas e despesas, de um índice de referência. Por exemplo, o índice de referência da bolsa brasileira (B3) é o índice Ibovespa, que é o principal indicador de desempenho das ações negociadas e reúne as empresas mais importantes do mercado de capitais brasileiro. Ele é reavaliado a cada quatro meses e é resultado de uma carteira teórica de ativos, compostos pelas ações e *units* de companhias listadas que atendem aos critérios descritos na sua metodologia, correspondendo a cerca de 80% do número de negócios e do volume financeiro do nosso mercado de capitais.

A ETF que representa o índice Ibovespa é chamada de BOVA11, gerida pelo fundo de investimento americano BlackRock. O lucro, neste caso, vem através da valorização dos papéis que se compõem ao longo do tempo e que, por sua vez, refletem na cotação do fundo de índice. Essa é uma boa opção para os iniciantes na renda variável, mas que possuem um perfil mais moderado ou arrojado.

O investidor que aplica em renda variável diretamente na B3 tem atribuições e responsabilidades que competem a ele, pessoalmente, executar. Desconhecer as regras ou deixar de cumpri-las pode colocar o contribuinte em uma situação de sonegação fiscal. Digo isso, pois o investidor que ganha dinheiro na aplicação financeira paga imposto de renda. Até aqui nenhuma novidade, correto? O que você eventualmente desconhece é quanto paga e quem recolhe esse pagamento. Pode até ser que você pague mais por desconhecer as possibilidades de compensar perdas ou por operar com valores que o impedem de se beneficiar da isenção.

No caso das aplicações nos instrumentos de renda fixa e fundos de investimentos em geral, compete à instituição financeira recolher o imposto de renda. Nas aplicações em ações e outros instrumentos de renda variável, transacionadas nos ambientes de bolsa de valores, a regra é bem diferente. Cabe ao investidor apurar o ganho de capital (como é chamado o seu lucro), deduzir as despesas autorizadas, compensar eventuais perdas em transações anteriores, calcular e recolher o imposto de renda devido e reportar tudo isso na declaração. Ufa! Que trabalhadeira, não? Mas pode valer a pena. Logo, se essa for a sua opção de investimento, não deixe de se informar a respeito da apuração e do cálculo do imposto de renda.



VOCÊ SABIA?

Por que você precisa da ajuda da Contadora da Bolsa? Não sei se você sabe, mas todo investidor necessita de ajuda de um contador. Estar na Bolsa de Valores significa também lidar com o Leão. E que forma melhor de fazer isso do que através de alguém que é realmente um especialista? Descubra como é simples investir e lucrar através da bolsa de valores.

Fonte: <https://contadoradabolsa.com.br/>



INVESTINDO EM IMÓVEIS SEM TER IMÓVEIS

Você com certeza deve conhecer alguém que investe em imóveis e luctra muito com isso, não é verdade? É antiga a paixão dos brasileiros por imóveis. O sonho de morar na casa própria ou a possibilidade de viver de renda, proveniente dos imóveis alugados, despertam em muitos, para não dizer em todos nós, o desejo de investir em imóveis. Entretanto, não é um sonho de fácil realização. O principal problema é a quantidade de dinheiro envolvido na compra de um imóvel. A alta dos preços verificados nos últimos anos tornou a compra de um imóvel, mesmo que pequeno, mais difícil ainda, apesar do crédito imobiliário mais acessível e “barato”.

Com o avanço da tecnologia, estamos observando cada vez mais que os ativos, em geral, têm tomado a forma digital (processo de digitalização). Mas como isso impacta a minha vida? Com certeza você já não utiliza cheques, como fazia antigamente, correto? Também não deve andar com muito dinheiro na carteira ou na bolsa. Você tem um cartão de débito ou crédito que serve como meio de pagamento. Aliás, no Brasil, são aproximadamente 40.000 transações por minuto através desse meio. Isso é fruto da digitalização e, obviamente, tanto os investimentos tradicionais como as novas classes de ativos, como o fundo que veremos nesta unidade, refletem esse processo.

Existe uma forma alternativa de investimento em imóveis (fruto desse processo de digitalização) que está ganhando força e visibilidade. Dos quase 2,2 milhões de investidores cadastrados nos agentes de custódia da Bolsa (B3 – março/2020), 715 mil são investidores em fundos de investimento imobiliário (FII). Esses fundos não são recentes e até pouco tempo atrás eram desconhecidos pela maioria dos investidores pessoas físicas. De uns tempos para cá, mais especificamente desde 2017 (tínhamos aproximadamente 20 mil investidores), houve um aumento exponencial do número de investidores, em que, além do lançamento de novos fundos, mais informação e maior liquidez parecem ter atraído a atenção de novos entrantes.

Comprar um imóvel não é uma tarefa fácil, como já comentamos. Comprar cotas de um fundo imobiliário também não é tarefa simples, não pelo ato da compra, pois isso é muito fácil e com um clique você consegue comprar, mas digo pelo processo de análise e escolha do fundo no qual você vai investir, o que exige uma boa lição de casa. Para a nossa sorte, todas as informações das quais necessitamos estão espalhadas por diversos sites pela internet. Pelo menos no início, até você conhecer a dinâmica e ganhar confiança e experiência, esse será o seu melhor caminho.



NA PRÁTICA

Como os fundos imobiliários podem permitir você construir um patrimônio sólido e viver de renda? Os FIIs (Fundos de Investimento Imobiliários) permitem que um investidor seja proprietário de uma pequena fração dos melhores empreendimentos imobiliários do Brasil. Tudo isso de uma forma simples, objetiva e com um investimento inicial pequeno. Na prática, com menos de R\$ 100,00 você já pode investir no segmento imobiliário com isenção de imposto de renda nos dividendos recebidos. No nosso guia, você entenderá sobre como começar a investir no mercado imobiliário via FII e ver como é fácil ter acesso a um investimento tão conhecido, tradicional e rentável como os imóveis.

Fonte: <https://www.clubefii.com.br/guia-de-fundos-imobiliarios>

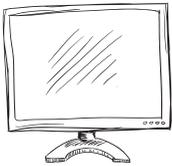
Vamos entender um pouco melhor o que é um fundo imobiliário. Para isso, vamos pensar nele como uma espécie de “condomínio de investidores” que reúne seus recursos para que sejam aplicados em conjunto no mercado imobiliário. A dinâmica mais tradicional é que o dinheiro seja usado na construção ou na aquisição de imóveis que depois sejam locados ou arrendados. Os ganhos obtidos com essas operações são divididos entre os participantes na proporção em que cada um aplicou. As decisões sobre o que fazer com os recursos – tomadas pelo gestor do fundo – precisam seguir objetivos e políticas pré-definidas. Os investimentos podem ser bem-sucedidos ou não, e isso determinará a valorização ou desvalorização das cotas dos fundos.

A soma dos recursos compõem o patrimônio, que é dividido em cotas – ou frações – do fundo. Quem aplica, na verdade, está comprando cotas. O cotista não pode exercer nenhum direito real sobre os empreendimentos do fundo, ao contrário do proprietário de um imóvel de fato. O lado bom disso é que ele também não responde pessoalmente por obrigações relacionadas a eles. Isso é tarefa do administrador, instituição financeira responsável pelo funcionamento e pela manutenção da carteira.

Antes de você começar a pensar em investimentos em fundos imobiliários é importante que você saiba que ele é classificado como renda variável. Embora muitos fundos imobiliários realizem distribuição regular de rendimentos mensais, o que pode lembrar o funcionamento de certos títulos públicos (que pagam juros), eles não são considerados investimentos de renda fixa, pelo simples fato de que não há garantia de manutenção dos rendimentos ao longo do tempo, já que, assim como em um imóvel próprio, os inquilinos podem deixar de pagar o aluguel ou um imóvel pode acabar desocupado. Outro ponto é que as cotas oscilam na bolsa, às vezes tanto quanto uma ação, por conta de fatores como as condições de mercado ou a gestão da carteira. Não é possível determinar qual será a condição de retorno de um fundo imobiliário desde o início do investimento, como é o caso dos papéis de renda fixa.

Agora que você já conhece um pouco mais a respeito das principais características de um FII (Fundo de Investimento Imobiliário), vamos compreender os pontos que precisamos observar antes de realizarmos uma aplicação nesse tipo de investimento. Diferentemente dos fundos de investimentos tradicionais que vimos até aqui, que permitem ao investidor comprar e resgatar cotas a qualquer momento, o fundo imobiliário é fechado (não permite resgate de cotas) e tem prazo indeterminado. Para recuperar o capital investido, o cotista deve vender as cotas no mercado secundário para outro investidor interessado em adquirir cotas desse fundo.

A carteira de um fundo imobiliário, ou seja, todos os recursos captados pelos “condôminos”, são destinados à aplicação em empreendimentos imobiliários: conjuntos comerciais, hotéis, shopping centers e galpões de logística. O restante pode ser aplicado em instrumentos de renda fixa.



VOCÊ SABIA?

Para conhecer em detalhes os ativos que podem compor a carteira de fundo imobiliário, consulte o artigo 45 da instrução nº. 472 da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que é o órgão regulador e fiscalizador desses fundos. Essa instrução sofreu modificações que foram introduzidas pelas instruções nº. 478/09, 498/11, 517/11, 528/12, 554/14, 571/15, 580/16, 604/18, 609/19 e 615/19, que dispõem sobre a constituição, administração e funcionamento, além da oferta pública de distribuição de cotas e a divulgação de informações.

Fonte: <http://www.cvm.gov.br/legislacao/instrucoes/inst472.html>

Existe uma variedade de empreendimentos imobiliários em que os fundos podem investir e a escolha da estratégia de investimento e do que entra no portfólio (carteira) é o que determina o nível de risco e o potencial de retorno de cada carteira. Popularmente, os fundos imobiliários são classificados em alguns tipos diferentes. Esses tipos são apresentados na tabela a seguir:

TIPOS DE FUNDO	ATIVOS
Desenvolvimento imobiliário	Investe em imóveis em construção, em que o investidor assume o risco do incorporador. Esse tipo de fundo é indicado a investidores qualificados (aquele que mantém patrimônio investido maior ou igual a R\$ 1 milhão) que aceitam mais risco em busca de rentabilidade
Renda - Shoppings	Compra imóveis, aluga para lojistas e distribui a renda líquida dos aluguéis aos cotistas. Possui carteira diversificada de inquilinos, o que acaba por reduzir o risco de inadimplência e de vacância.
Renda – Lajes e galpões	Compra lajes corporativas com escritórios de alto padrão e galpões industriais. Aluga para empresas de grande porte e distribui a renda para os cotistas. Esse tipo de fundo costuma ter bons índices de liquidez.
Fundo de fundos	Investe em cotas de fundos imobiliários, em que o cotista investe em diversos imóveis comprando cotas de um único fundo. É uma excelente alternativa de diversificação de carteira.
Compra e venda de imóveis	Busca lucrar com a compra e venda de imóveis. Tende a distribuir poucos dividendos porque precisa de caixa para fazer novas aquisições.
Recebíveis imobiliários	Investe basicamente em CRI (Certificado de Recebíveis Imobiliários). Esse fundo tem mais cara de fundo de renda fixa do que de fundo imobiliário. O cotista corre o risco de crédito do CRI, e não de imóveis. Por risco de crédito entende-se o não pagamento das prestações.

Tabela 4 - Tipos de Fundos Imobiliários
Fonte: adaptado de Dessen, 2015.

Sobre os rendimentos, há duas fontes de ganho do investidor. A primeira são os rendimentos provenientes da renda de aluguéis, distribuídos periodicamente pelo fundo, e a segunda são os ganhos de capital, obtidos na venda das cotas em bolsa. Um ponto bem importante para esclarecimento é que a primeira fonte de investimento é isenta do imposto de renda caso o fundo respeite três condições: mínimo de 50 cotistas, máximo de 10% do patrimônio por cotista e cotas negociadas na bolsa. Caso o fundo escolhido atenda a essas condições, você não pagará nada de imposto de renda. Já sobre a segunda fonte, para o ganho de capital obtido na venda das cotas, o imposto de renda é de 20%. Lembrando que você só pagará esse imposto se houver valorização das cotas.

Se você acredita que investir em imóveis é seguro e não tem riscos, vou te apresentar o mundo real. Assim como no mercado de imóveis, quando você adquire um imóvel para ganhar com o aluguel, você está exposto ao risco de inadimplência ou vacância, quando o imóvel perde o inquilino e não consegue substituí-lo imediatamente em condições favoráveis. Além disso, o empreendimento ainda em construção pode não ser bem-sucedido como se esperava. A redução da taxa de ocupação imobiliária e queda do preço dos imóveis também são eventos desfavoráveis. Note que todos os riscos até aqui trazidos são os mesmos que o proprietário tem quando faz a locação do imóvel.

A falta de liquidez é outro risco a ser considerado, embora a grande maioria dos fundos tenham bastante liquidez. Porém, alguns fundos apresentam baixo volume de negociações, dificultando a venda e impedindo a formação do valor das cotas de forma transparente e justa. Nesse sentido, os chamados “Fundos de Fundos” podem colaborar para reduzir esse problema, criando um mercado mais eficiente. O trabalho competente da gestão profissional dos fundos imobiliários reduz, mas não afasta os riscos citados.



NA PRÁTICA

O site do FIIS tem o objetivo de ser uma fonte de consulta rápida, fácil e gratuita das informações dos fundos de investimentos imobiliários. A ideia é disponibilizar as informações para que cada investidor as use de acordo com seu perfil e sua visão do mercado.

Fonte: <https://fiis.com.br/>

Assim como a compra de imóvel de tijolo, o investimento em um fundo imobiliário deve levar em conta quais são os ativos incluídos na carteira. Se você fosse comprar um imóvel, não iria comprá-lo em uma região ruim e nem em lugares que não tenham um bom potencial econômico no médio e longo prazo. Escolha o tipo de fundo mais adequado ao seu perfil e objetivo de investimento, leia atentamente o prospecto para compreender o projeto e viva de renda sem ter o imóvel fisicamente.



**MEU DINHEIRO GARANTINDO A
MINHA APOSENTADORIA**

04



D

DE QUANTO EU PRECISO PARA VIVER DE RENDA?

Em algum momento da sua vida você já deve ter ouvido falar ou conhecido alguma história de alguém que fez fortuna, muita riqueza, tinha um excelente patrimônio, frequentava bons restaurantes, viajava duas vezes por ano em férias e que no final da vida passou por muita dificuldade. Essas, entre tantas outras histórias, resumem esta unidade. É exatamente isso que gostaria de evitar que acontecesse com você.

A grande maioria de nós que não herdará nenhuma fortuna nem ganhará na loteria, temos que assegurar, durante nossa vida ativa, um fluxo de renda certo e contínuo a partir de determinada data, proveniente de outras fontes que não do nosso trabalho, e que dure enquanto estivermos vivos para amparar nossos entes queridos até que eles gerem renda por conta própria.

A previdência social proporciona uma aposentadoria relativamente confortável aos contribuintes com renda inferior ao teto definido pelo governo. Como sabemos, a expectativa de vida está aumentando cada vez mais e, com isso, novas reformulações foram realizadas para permitir que todos tenham acesso à previdência social. Por isso, a tão sonhada aposentadoria fica cada vez mais longe. Pelas regras atuais, os trabalhadores urbanos podem se aposentar a partir de 62 anos, para mulheres, e 65 anos, para homens. As mulheres devem ter no mínimo 15 anos de contribuição e aqueles que entram agora no mercado de trabalho, no mínimo 20 anos. E isso também não quer dizer que você se aposentará com 100% do valor. Para isso, o tempo de contribuição terá que ser de 35 anos, para mulheres, e 40 anos, para homens.

Se você achar que o valor máximo pago pela previdência social será insuficiente para bancar seu padrão de vida na aposentadoria, você precisa complementar sua renda por conta própria. Existem basicamente duas maneiras de fazer isso: a primeira é acumular um patrimônio que, no futuro, gere renda suficiente para bancar suas despesas. A segunda é comprar um plano de previdência e convertê-lo em renda futura, a ser paga a partir da idade que você determinar.

Quando você adere a um plano de previdência complementar, é você quem decide o tipo e o valor do benefício que deseja comprar, o valor da contribuição necessário para comprar essa renda futura e o tempo necessário para assegurar essa meta. Durante o período de contribuição, você pode aumentar o valor de contribuição, alterar a forma de recebimento, os beneficiários do plano, ou simplesmente resgatar o dinheiro acumulado se avaliar que não precisa mais desse seguro. É o seu dinheiro garantindo o seu futuro. Uma coisa para você pensar: quanto menor for a taxa de juros, maior será seu esforço de poupança para a aposentadoria. E só há duas maneiras de acelerar sua acumulação de capital: começar mais cedo ou poupar mais dinheiro. Está esperando o quê?



NA PRÁTICA

Simulação é a possibilidade que o INSS oferece ao cidadão de saber quanto tempo falta para se aposentar e o valor do seu benefício, caso já tenha direito. Também conhecida como “Calculadora do INSS”, a ferramenta realiza uma busca automática de todas as informações e dados de vínculos do segurado registrados nos sistemas do INSS para calcular o tempo de contribuição, ou seja, quanto tempo falta para o segurado se aposentar. Para que o sistema faça essa busca automática, é necessário fazer *login* no “Meu INSS”. Caso algum vínculo porventura não conste nos registros previdenciários, há a opção de incluir manualmente para fazer a simulação.

Fonte: <https://www.inss.gov.br/servicos-do-inss/simulacao/>

Para planejarmos corretamente nossa aposentadoria, precisamos responder a diversas perguntas e elaborar algumas projeções de cenários. Qualquer erro ou exagero pode comprometer nossos planos. Se a falha não for descoberta a tempo, pode comprometer seu futuro financeiro. Por isso, todo o cuidado é pouco na hora de fazer esse planejamento. Vamos analisar quais são as variáveis que precisam ser pensadas e colocadas em perspectiva, de forma clara e realista, para planejar financeiramente seu futuro.

O primeiro ponto é com relação à idade atual e a provável idade da sua aposentadoria. Com base nessas duas informações, é possível calcular o período de acumulação dos recursos. Quanto maior ele for, menor será seu esforço de poupança. Esse é o intervalo de tempo durante o qual acumulamos dinheiro para utilização futura. Vamos chamá-lo de período de acumulação. Outra variável importante é a reserva financeira já existente e valor mensal disponível para esse objetivo específico. Essa informação nos permite saber o capital acumulado durante a vida ativa. Quanto maior o valor disponível, menor o período de acumulação. Se o valor disponível para esse objetivo for escasso, nosso futuro financeiro ficará mais distante.

A renda mensal futura desejada também é uma variável muito importante para planejar a nossa aposentadoria e estabelecer o valor de quanto teremos à nossa disposição. Podemos pensar em, por exemplo, R\$ 5 mil por mês. A taxa de juros durante o período de acumulação deve ser considerada de forma conservadora nesse tipo de projeção. Estimar uma taxa de juros elevada pode nos induzir a acreditar em um futuro que não vai acontecer. Como esse projeto é de longuíssimo prazo, é mais razoável supor juros nominais entre 6% a 8% ao ano.



VOCÊ SABIA?

Fique muito atento e não deixe de levar em conta que a taxa de juros projetada deve ser:

Real: ou seja, acima da inflação. Lembre-se que a inflação diminui o poder de compra do seu dinheiro. Dada uma taxa nominal de 7% ao ano e uma inflação de 4% ao ano, a taxa de juros real é de 3% ao ano ($7\% - 4\% = 3\%$). É fundamental, portanto, não se esquecer do efeito da inflação. Se você imagina que consegue viver com uma renda mensal de R\$ 5 mil, é porque sabe quanto consegue comprar com esse dinheiro. Qual será o poder de compra dos mesmos R\$ 5 mil daqui a 10 ou 20 anos? Certamente muito menos do que hoje, por menor que seja a inflação no período.

Líquida: isto é, descontadas as taxas de carregamento, de administração financeira, corretagens etc. que serão pagas durante a fase de acumulação, e o imposto de renda sobre o resgate ou a renda futura contratada, conforme o produto de investimento comprado.

Fonte: elaborado pelo autor.

A partir de alguns dados fictícios, apresento a você o passo a passo para fazer o cálculo estimado da sua aposentadoria. Considere as seguintes informações:

Idade:	25 anos
Idade prevista para aposentadoria:	65 anos
Idade estimada para o final do benefício:	95 anos
Taxa mensal de juros do investimento:	0,5% a.m.
Valor mensal da aposentadoria:	R\$ 7.000,00

Tabela 5 - Tipos de Fundos Imobiliários
Fonte: adaptado de Dessen, 2015.

Com base nestas informações, vamos calcular passo a passo o valor que a pessoa do exemplo acima necessita começar a depositar hoje para fazer jus a uma aposentadoria de R\$ 7.000,00.

1º Passo: determinar a quantidade de meses entre a data da aposentadoria e a data estimada do final do benefício (morte). Você deve subtrair a idade final da idade inicial. Nesse caso: 95 anos – 65 anos = 30 anos, e multiplicar pela quantidade de meses do ano (12). 30 anos X 12 meses = 360 meses.

2º Passo: determinar a quantidade de meses entre a data atual e a data da aposentadoria. Você deve subtrair 65 anos – 25 anos = 40 anos, e multiplicar pela quantidade de meses do ano (12) = 40 anos x 12 meses = 480 meses.

3º Passo: em posse dessas informações e das demais, vamos seguir o cálculo utilizando a calculadora HP. Caso você não tenha uma é só acessar o site: <http://www.vichinsky.com.br/hp12c/hp12c.php> ou baixar o aplicativo no seu *smartphone*.

4º Passo: agora vamos determinar qual o valor que você deverá ter disponível na data da sua aposentadoria para que consiga resgatar os R\$ 7.000,00. Na calculadora HP 12C, faça o seguinte:

360 n (que é a quantidade de meses que irá sacar sua aposentadoria)

0,5 i (que é a taxa de juros mensal)

7.000 PMT (que é o valor da aposentadoria)

Feito isso, aperte a tecla PV (valor presente) e você encontrará o valor de R\$ -1.167.541,30. O valor está negativo, pois a calculadora trabalha com entradas e saídas de caixa. Como colocamos o valor da prestação positivo, a saída será negativa, mas isso não impactará o nosso resultado.

Com isso feito, já sabemos que o valor que você necessita ter em caixa até a sua aposentadoria é esse. Já podemos ir para o próximo passo.

5° Passo: com base no valor que você terá na data de sua aposentadoria, vamos calcular qual o valor será necessário depositar atualmente (período de acumulação) para que consiga juntar o valor do passo anterior e se aposentar confortavelmente. Na calculadora HP 12C, faça o seguinte:

480 n (que é a quantidade de meses que você terá até se aposentar)

0,5 i (que é a taxa de juros mensal)

1.167.541,30 FV (que é o valor que precisamos ter na data da aposentadoria)

Feito isso, aperte a tecla PMT (pagamento) e você encontrará o valor de R\$ - 586,26. O valor novamente está negativo pelos motivos trazidos no passo 4, porém isso não impacta o valor do cálculo.

A interpretação do que fizemos nos 5 passos apresentados é muito simples. Desconsiderando efeitos inflacionários no período, se uma pessoa depositar mensalmente o valor de 586,26, ela conseguirá se aposentar com R\$ 7.000,00 durante os 30 anos restantes de vida. Como é possível perceber nesse exemplo, a simulação mostra que não só é possível, como é relativamente fácil realizar esse cálculo. No Brasil, atualmente, estamos sob o regime de repartição, ou seja, você contribui para pagar a aposentadoria daqueles que já se aposentaram, independentemente do valor. De certa forma isso pode ser injusto, pois o teto do regime previdenciário geral hoje (abril/2020) é de R\$ 6.101,06, ou seja, se eu contribuo no teto o valor mensal do INSS retido é de R\$ 671,06, por 40 anos, como no exemplo, o valor mensal é maior e o benefício menor. Em alguns países se utiliza o regime de capitalização, em que tudo que é retido é aplicado em uma conta e, quando você se aposenta, tem o direito de receber mensalmente os valores lá aplicados, exatamente como funciona o seu Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

É necessário verificar periodicamente se as premissas adotadas continuam válidas, se a rentabilidade estimada está ocorrendo e se estamos depositando os aportes previstos. É provável que, durante uma vida toda, ajustes sejam necessários para assegurar que o objetivo será alcançado.

Outra grande dúvida que pode pairar sobre a sua cabeça é como definir o valor futuro da renda mensal. Há algum tempo, ouvimos dizer “melhor idade” em vez de “terceira idade”. E essa pode ser, de fato, nossa melhor idade se planejarmos e nos prepararmos cuidadosamente, isto é, pode ser uma fase para desfrutar da vida. Seu patrimônio, construído com sabedoria, será gerador de renda para complementar o orçamento necessário para viver sem trabalhar. Filhos criados e independentes financeiramente, se ainda não conseguiram essa independência, terão que trilhar esse caminho e aprender a viver com a renda que são capazes de gerar, assim como você fará. Mas fica a dúvida: qual é o valor da renda mensal necessária, daqui a alguns anos, para viver confortavelmente?

A recomendação é considerar um valor entre 60% e 70% da renda durante a vida. Como as variáveis são diferentes, caso a caso, estime qual será o valor de sua aposentadoria. Para isso, você deve ter um orçamento detalhado, com as despesas que compõem esse orçamento e o peso relativo de cada uma: moradia, alimentação, transporte, educação, saúde e lazer. Para o item saúde, você deverá dar total atenção, pois invariavelmente à medida que envelhecemos os custos com saúde aumentam bastante. No geral, alguns itens tendem a aumentar, outros a reduzir.

E quando começar? A hora certa é agora, já, neste momento, principalmente se estamos ativos e capazes de gerar renda, acumular reservas e construir um patrimônio que gere segurança e conforto para nós e nossa família. Esse é um planejamento de longo prazo e um dos mais importantes. Quando mais cedo for pensado e colocado em prática, mais facilmente será alcançado. Não se esqueça que a capitalização dos juros ao longo do tempo opera milagres. É o seu dinheiro trabalhando para você, depois de você trabalhar tanto para obtê-lo.



U

M SEGURO PARA ME MANTER SEGURO

Comparado com o resto do mundo, o brasileiro não tem cultura de comprar seguros. Talvez esse motivo atraia tantas seguradoras para o nosso país. Outro sinal de que esta percepção pode ser verdadeira é observar que as instituições financeiras posicionam os planos de previdência complementar como produtos de investimento, quando são, na verdade, contratos de seguros, não por acaso, comercializados por seguradoras. Existem dois tipos de plano de previdência complementar abertos que podem ser utilizados por qualquer pessoa que queira acumular recursos para a sua aposentadoria: um chamado Plano Gerador de Benefício Livre (PGBL) e o Vida Gerador de Benefício Livre (VGBL). A escolha entre um e outro dependerá fundamentalmente do modelo de declaração de imposto de renda que você utiliza.

Todos os anos os brasileiros cumprem a obrigação de prestar contas à Receita Federal, declarando seus rendimentos, pagamentos, bens e dívidas. Essa prestação de contas é feita mediante a utilização de um formulário eletrônico, disponível em dois modelos: a declaração simplificada e a completa. A variável que determina a escolha do modelo é o montante das despesas dedutíveis do contribuinte naquele ano.

Contribuições feitas a um dos planos são dedutíveis. Daí a razão pela qual a escolha do produto “conversa” com o modelo de declaração de ajuste anual utilizada. Os valores aportados em PGBL até o final de cada ano são deduzidos – com caráter de diferimento – na declaração do ano seguinte. Não há dúvida de que a perspectiva de pagar menos imposto é muito atraente. Entretanto, nem todos podem se beneficiar deste incentivo fiscal. Conhecer os conceitos e as regras é essencial para que você evite o risco de fazer a escolha errada na hora de optar por um ou outro plano.

Caso o desconto dado pelo imposto de renda não seja atrativo no seu caso, avalie bem se os planos de previdência possuem boa rentabilidade e trazem benefícios no longo prazo. Não é muito incomum encontrar planos de previdência cuja rentabilidade é menor que a poupança ou o Tesouro Direto.



VOCÊ SABIA?

O rendimento da previdência privada diminui com a queda da Selic. Corte da taxa básica de juros e inflação mais baixa exigem atenção redobrada com a modalidade. O discurso tradicional dos bancos e das seguradoras para vender planos de previdência é que se você contribuir com uma pequena quantia durante certo tempo, depois de alguns anos poderá sacar mensalmente valor suficiente para complementar sua aposentadoria do INSS. Uma velhice confortável está ao seu alcance. Pode ser que não seja bem assim.

Fonte: <https://valorinveste.globo.com/blogs/marcelo-dagosto/post/2019/08/rendimento-da-previdencia-privada-diminui-com-a-queda-da-selic.ghtml>

É inegável nosso desejo de proteger nossa vida, família e nosso patrimônio. Se você nunca precisou acionar sua apólice de seguro, é sinal de que nenhum sinistro ocorreu e que o risco ficou apenas na possibilidade. Porém, se ele acontecer, você vai agradecer a si mesmo por ter sido prudente e decidido comprar a proteção.

Há uma grande variedade de seguros que você pode contratar: de automóvel, residencial, de vida, de acidentes pessoais, de saúde, de renda futura, entre outros, que protegem tanto indivíduos quanto empresas. Daqui até o final desta unidade vamos conhecer um pouquinho deste universo. Negociar com instituições financeiras, grandes e poderosas, parece coisa do outro mundo, mas você já parou para pensar que você é o cliente, ou seja, aquele que paga a conta? Graças a você e a milhares de pessoas que utilizam serviços financeiros, essas empresas são criativas, desenvolvem novos produtos e disputam mercado, tudo para ganhar sua confiança, sua escolha e, com isso, ganhar dinheiro, muito dinheiro.

Para muitas pessoas, quando falamos a respeito de seguro, a primeira resposta que costuma ocorrer é que são coisas que só acontecem com os outros. Uma gravidez indesejada na adolescência, adquirir alguma doença sexualmente transmitida por falta de proteção, ganhar sozinho na mega-sena acumulada são coisas muito ruins e muito boas que achamos que só acontecem com os outros. Não existe um seguro contra (ou a favor, no caso da loteria) para esses riscos, mas existe seguro para muitos riscos a que estamos expostos, muitas vezes até sem saber, ou sabemos, porém decidimos não contratar. Morte prematura do provedor da família, um plano de saúde que não cobre o tratamento necessário, entrar na justiça para receber o seguro do seu carro ou garantir a manutenção do plano de saúde. Acredite, são histórias que acreditamos serem excepcionais e que nunca seremos protagonistas delas, mas há riscos e, no entanto, há também algumas operações contratadas que “na hora H” descobrimos que não nos protegem como imaginávamos.

Imagine a seguinte situação hipotética. O pai de um amigo, que acabara de completar 60 anos, morreu de repente. Simultaneamente à perda do ente querido, a família teve que lidar com uma situação inesperada. A avó do seu amigo, de 82 anos, que era dependente do filho no plano de saúde corporativo da empresa, recebeu um aviso da administradora do plano comunicando que a cobertura estava extinta. Dá para imaginar esta situação? A família não quer deixá-la sem cobertura, não quer depender do serviço público, mas não pode contratar um plano individual para uma pessoa de 82 anos, contratação inclusive indisponível no mercado de seguros. Um corretor foi consultado e orientou a família a verificar se o contrato possui cláusula de remissão, isto é, garantia de continuidade do plano por mais dois anos, sem custo, aos dependentes do beneficiário. Tal garantia não é uma obrigatoriedade, mas é comum, particularmente nos planos

corporativos. Outra possibilidade seria a de conversar com a área de recursos humanos da empresa em busca de uma solução negociada. Essa pequena história ilustra a quantidade de variáveis a que estamos sujeitos e, principalmente, todos os percalços que podem ocorrer. Será que estamos preparados para situações como essa?

O serviço de saúde da rede pública do Brasil é um dos melhores do mundo, mas o atendimento pode ser lento, muito lento. Uma pessoa pode demorar semanas ou meses para ter acesso a uma consulta ou exame. O atendimento médico-hospitalar privado brasileiro também é avançado, mas seus custos são elevados, o que impede que uma parte significativa da população tenha acesso a esta alternativa. Conscientes do risco de não obterem tratamento rápido e adequado em caso de doença, muitos cidadãos buscam uma proteção complementar de assistência médica no setor privado, mas não é simples nem trivial contratar um plano ou seguro saúde. São inúmeras as regras e alternativas que precisam ser conhecidas e analisadas durante o processo de compra deste serviço. Minha dica? Procure um corretor de seguros. Esse profissional pode auxiliar você a analisar todos os aspectos e detalhes do seguro a ser contratado, além de dar orientação quanto aos cuidados especiais e pontos que merecem atenção antes, durante e depois dessa contratação.

Outra história para você se inspirar. Determinado parente tem 35 anos, é jovem e saudável, pai de gêmeos de dois anos. É o único provedor da família, que depende totalmente de sua renda. Não se espera o falecimento (ou ainda invalidez) de uma pessoa tão jovem como esta, mas o risco existe e pode ser protegido com a contratação de um seguro de vida (ou acidentes pessoais), com valor de cobertura suficiente para garantir à família o pagamento de um capital equivalente aos rendimentos antes providos pelo pai. Neste caso, suponha um orçamento familiar de R\$ 5 mil por mês durante 15 anos, tempo suficiente para que seus dependentes sejam capazes de gerar sua própria renda. No caso, seria recomendável contratar um seguro com cobertura de R\$ 900 mil. Quanto mais jovem e saudável o segurado, menor o custo do seguro. Em situações como a de Carlos, jovem anunciado no exemplo, a relação entre o custo do seguro e o benefício que ele proporciona certamente compensa. E você? Tem seguro de vida? Precisa dele? A decisão pode ser pela não contratação, mas é necessário fazer essa reflexão. Tomara que você viva muito e que o risco não ocorra. O conforto da proteção será tão grande que você não lamentará o custo despendido por ela. Esse é o tipo de coisa que a gente compra, mas espera nunca precisar.



VOCÊ SABIA?

Este breve resumo estatístico exhibe informações relevantes sobre o Mercado Segurador e seus diversos segmentos, a partir de dados públicos da SUSEP e ANS, além de fontes auxiliares, como BCB e IBGE. Essas informações são atualizadas periodicamente, sempre que houver a divulgação de novos dados pela Susep ou ANS. Estatísticas mais detalhadas de cada segmento são encontradas na área equivalente do sítio eletrônico da FenSeg, FenaPrevi, FenaSaúde e FenaCap, conforme o caso.

Fonte: <http://www.cnseg.org.br/estatisticas/mercado.html>

Quantos de nós já lemos atentamente a apólice de seguros de automóveis que compramos e renovamos anualmente? Além de pesquisar preços para tentar reduzir os custos da transação, você já se deteve para entender por que o prêmio de uma seguradora é diferente do prêmio cobrado por outra? Sabe que riscos estão protegidos e quais não estão cobertos pela apólice? Só descobrimos que a apólice não cobre todos os riscos que imaginávamos quando ocorre um sinistro. Quer um exemplo? Um amigo decidiu comprar um carro novo e transferiu o atual, seminovo, para o filho. O procedimento de transferência da documentação junto ao Detran foi feito regularmente. Entretanto, esqueceram-se de comunicar à seguradora a alteração da propriedade do veículo, que tem agora um novo dono. O amigo faleceu inesperadamente poucas semanas depois dessa transação em família e o carro foi roubado. O filho acionou a seguradora, mas foi alertado de que somente o dono do carro, falecido, poderia assinar os documentos de praxe. Passaram-se quatro anos até que o filho, na justiça, pudesse reaver o valor do carro segurado. É complicado, mas infelizmente essas coisas acontecem. Por esse motivo, sempre consulte um corretor de seguros para avaliar os riscos potenciais aos quais você, sua família e seu patrimônio estão expostos. Conheça e cumpra com os seus deveres, exija seus direitos e denuncie eventuais desmandos aos órgãos reguladores. E não abuse da sorte.

Para finalizarmos essa unidade, não poderíamos deixar de falar a respeito do seguro educacional. Assegurar a educação dos filhos é, sem dúvida, um dos principais objetivos do planejamento familiar. Entretanto, nem todos os pais conseguem acumular reserva financeira suficiente para custear a educação dos filhos, por isso comprometem parte importante do orçamento mensal com o pagamento da mensalidade escolar e de outras despesas relativas à educação dos filhos. Logo, a possibilidade de eventual escassez de recursos que possa impedir esse fluxo de pagamentos é uma preocupação legítima dos pais, sendo oportuno, portanto, falarmos sobre um seguro que afasta esse risco. O seguro educacional pode auxiliar pais e responsáveis no pagamento da mensalidade escolar em situações de desemprego, morte ou invalidez. Ele funciona como uma espécie de bolsa de estudos e pode garantir, se contratado, o pagamento da mensalidade escolar até o final do curso.

Como vimos até aqui, organizar a vida financeira é essencial para que os sonhos se realizem. Pode parecer chato e complicado, mas, quando você se der conta da importância do seguro e assumir o controle de suas finanças, vai gostar de conhecer o universo das transações financeiras e como elas podem facilitar a sua vida. Não se intimide, procure conhecer tudo o que está ao seu alcance e analise se faz sentido ou não para você. Não compre o que não precisa, nem mais do que o necessário. Avalie se o serviço vale o preço que você paga. Conheça e faça valer seus direitos: você pode muito mais do que imagina!

UNIDADE 3



QUEM PLANTA, COLHE

Escolhas aparentemente insignificantes podem ter resultados financeiros bem diferentes. Durante nossa vida ativa, uma pequena fortuna passa pelas nossas mãos. Cada unidade desse material procurou orientar você sobre a importância de acumular um patrimônio que proporcione, no futuro, independência financeira. É preciso conhecer e saber lidar com a Receita Federal, é preciso saber que existem aplicações financeiras isentas de impostos e alguns benefícios fiscais que, se bem aproveitados, podem representar uma boa alavanca para ajudar você a acelerar o crescimento de seu patrimônio.

Outra questão importante é saber que nossos bens não valem o que a gente acha que valem. O mercado determina o valor da sua casa, por exemplo. A recusa em admitir esse fato pode atrasar e prejudicar uma transação comercial. Imagine uma pessoa que, por estar envolvida emocionalmente com seu imóvel, não concorda com o preço que o mercado está disposto a pagar por ele. A teimosia dessa pessoa está, de alguma forma, depreciando o imóvel e seu patrimônio. Outros, por sua vez, puderam comprar e souberam usufruir de uma casa de campo – sonho de tranquilidade para muita gente. A manutenção de um segundo imóvel exige muito dinheiro e proporciona alegria e bem-estar durante um tempo, mas a vida segue e, por vezes, a decisão de se desfazer desse imóvel querido pode ser a decisão mais acertada. Esta unidade reúne algumas lições práticas (inspiradas no mundo real) para valorizar o que é seu. Visa, portanto, orientá-lo a estabelecer metas financeiras de forma eficaz para colocar seus sonhos em ação e transformá-los em realidade.

Seu patrimônio depende fundamentalmente das escolhas e decisões financeiras que você tomou durante a vida. Ele é a diferença entre o que você ganhou e o que gastou. Seu patrimônio líquido é o que você tem menos o que você deve. Aos 65 anos, ou antes, se tudo der certo, você poderá anunciar a sua aposentadoria e festejar sua independência financeira ou, caso não tenha tido a sabedoria de consolidar um patrimônio para prover seu sustento, continuar trabalhando para bancar suas necessidades básicas. Isso é triste, muito triste.

Imagine um casal que realizou um sonho que acalentou durante um bom tempo: ter uma casa no campo, um refúgio da agitação da cidade grande onde moram. Planejaram e escolheram direitinho a região para que o deslocamento entre a cidade e o campo pudesse ser feito em tempo razoável. Em cidades como São Paulo, os grandes congestionamentos, que se formam nas estradas, principalmente nos feriados e período de férias, podem trazer muita dor de cabeça. Tudo tem de ser perfeito para não estragar o prazer desse refúgio.

Esse casal investiu cerca de R\$ 180 mil na compra de uma pequena chácara, em um condomínio fechado, a cerca de uma hora de distância da cidade. A escolha foi feita considerando que não queriam se preocupar com a propriedade nos períodos em que não estivessem por lá, porque ter um caseiro que tome conta e cuide da manutenção do terreno gera uma despesa muito alta. Pintar, mobiliar e equipar a casa com o toque pessoal da família custou outros R\$ 20 mil e, com isso, puderam finalmente inaugurar o refúgio, em um belo domingo ensolarado, com a presença de familiares e amigos, convidados para compartilhar a alegria do casal.

Durante meses, eles cumpriram o agradável ritual de passar todos os finais de semana na casa de campo. Mesmo nos dias frios e chuvosos, a diversão estava garantida. A casa tinha lareira e forno à lenha, além de churrasqueira, garantindo o lazer de todos. Com o passar do tempo, as crianças cresceram, e a agenda de compromissos da família se tornou uma restrição importante. A casa de campo já não era mais uma prioridade. Foi quando o casal começou a fazer contas com outros olhos e percebeu o elevado custo de manutenção da chácara. Eles então começaram a refletir se fazia sentido alocar uma fatia significativa do orçamento familiar para um fim que não tinha mais o mesmo significado e importância do passado. Pensaram que, se vendessem a casa pelo mesmo valor de compra, com melhorias, teriam um capital de R\$ 200 mil para investir em algum fundo, com rendimento bruto estimado de R\$ 1.000,00 todos os meses. Obviamente, quando você

deixa de desembolsar parte do orçamento da manutenção de uma chácara e o dinheiro da renda é aplicado, percebe que o efeito é exponencial. É importante notar que o casal, com apenas parte desse dinheiro, poderia se hospedar em pousadas de campo e na praia por dois finais de semana por mês e ainda poupar o restante para outros objetivos que tragam para a família a mesma alegria que a casa de campo proporcionou um dia.

Como é possível perceber nesta história, com o passar dos anos, os objetivos mudam e podem ser adaptados para fornecer igual ou ainda mais alegria. Se a decisão for ter e manter um imóvel no campo ou na praia, procure optar por um pequeno, de baixo custo de manutenção, em região de boa liquidez, para que a venda, se desejada, seja rápida. Deixe a emoção de lado na hora de comprar ou vender um imóvel. Valores emocionalmente adicionados não são percebidos por terceiros. O mercado é o formador de preço e dita o valor das mercadorias em geral. Seu imóvel, por mais querido que seja, faz parte dessas mercadorias. Não se esqueça também que o valor do dinheiro muda ao longo do tempo. R\$ 100,00 hoje compram mais produtos do que os mesmos R\$ 100,00 poderão comprar daqui a seis meses. Leve isso em conta para avaliar ofertas inferiores ao valor que você tem em mente.



NA PRÁTICA

A aplicação em imóveis exige cuidado. Um investidor conservador tem de buscar alternativas, além da renda fixa, para ganhar dinheiro. A renda obtida com aluguéis de imóveis comprados por pessoas físicas ou com a aquisição de contas de fundos imobiliários passou a ser, nos últimos meses, alvo de interesse dos investidores. Saiba mais no link abaixo.

Fonte: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/aplicacao-em-imoveis-exige-cuidado-dizem-consultores,70003074010>

Mudando um pouco o foco do assunto, existe um outro patrimônio pessoal que merece toda a sua atenção. Todo brasileiro que trabalha em regime CLT tem uma reserva financeira que é formada ao longo da sua vida profissional. Trata-se do FGTS, criado pelo governo federal na década de 1960 para proteger o trabalhador demitido sem justa causa. Essa reserva de patrimônio pode ser utilizada em necessidades bem específicas, como a aquisição da casa própria, aposentadoria e situações de dificuldade, como demissão sem justa causa ou em caso de algumas doenças graves.

Este patrimônio é formado mediante depósitos regulares feitos pelo empregador, equivalentes a 8% do valor do salário pago ao trabalhador nos contratos regidos pela CLT. O fato de o esforço de poupança ser do empregador e não do trabalhador talvez justifique a distância e a pequena quantidade de informação dos beneficiados em relação a essa reserva. Muitos deixam esse dinheiro parado, sem nenhuma estratégia de utilização, achando que ele poderá ser de muita valia na aposentadoria.

Só tem um pequeno problema. O saldo do FGTS é corrigido pela variação da TR (Taxa Referencial), que hoje é de 0,0% acrescido de juros de 3% ao ano, ou seja, aproximadamente o mesmo que a poupança paga. A remuneração é muito baixa se considerarmos a taxa básica de juros do mercado. Logo, se a inflação for superior a esse percentual, com o passar do tempo esse valor tende a comprar menos daqui a 10 anos do que compraria hoje. A única boa notícia é que não incide imposto de renda sobre esse montante.

De acordo com a Caixa Econômica Federal, as demissões são o principal motivo para saques (65%), seguido pela utilização para a casa própria (14%) e aposentadoria (13%). Embora sejam inúmeros os eventos que permitem a retirada do FGTS, quero sugerir seu uso visando agregar mais valor aos recursos e ajudar o cidadão a solucionar ou aprimorar o aspecto da moradia.



VOCÊ SABIA?

O Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) foi criado com o objetivo de proteger o trabalhador demitido sem justa causa, mediante a abertura de uma conta vinculada ao contrato de trabalho. No início de cada mês, os empregadores depositam em contas abertas na Caixa, em nome dos empregados, o valor correspondente a 8% do salário de cada funcionário. O FGTS é constituído pelo total desses depósitos mensais e os valores pertencem aos empregados que, em algumas situações, podem dispor do total depositado em seus nomes. Quem tem direito? Todo trabalhador brasileiro com contrato de trabalho formal, regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), e, também, trabalhadores domésticos, rurais, temporários, intermitentes, avulsos, safreiros (operários rurais que trabalham apenas no período de colheita) e atletas profissionais têm direito ao FGTS. O diretor não empregado pode ser incluído no regime do FGTS, a critério do empregador. Consulte o seu saldo e acompanhe os depósitos efetuados pelo seu empregador.

Fonte: <http://www.caixa.gov.br/beneficios-trabalhador/fgts/Paginas/default.aspx>

Se, por outro lado, você for um profissional liberal ou um empreendedor procure fazer um “FGTS” para você mesmo. Pegue 8% de sua receita e guarde na poupança ou em um fundo com boa liquidez e baixo risco. Com absoluta certeza o seu rendimento será maior do que daqueles que recebem através do fundo administrado pela Caixa Econômica Federal. O importante de tudo isso é você estar no caminho certo, plantando muito bem para colher melhor ainda.



V

ISÃO SEM AÇÃO É SONHO, AÇÃO SEM VISÃO É PESADELO

Visão sem ação é sonho, e ação sem visão é pesadelo. É com esse provérbio chinês que começo a última unidade deste material. Convido você a refletir sobre seus sonhos, aqueles objetivos grandes e importantes, capazes de transformar sua vida. Sonhar é a parte mais simples do processo, fase de desejar, aspirar, dizer “eu quero”, “eu mereço”! Mas, se o próximo passo não for dado, tudo não passará de um sonho, uma vontade que, apesar do merecimento, não se concretizou. Por que? Por que você não fez acontecer? Para realizar sonhos, é preciso agir. Não de qualquer jeito, achando que o universo conspira a seu favor e que o que é seu está guardado. Faça o sonho sair do papel, faça acontecer. E saiba que isso não será possível sem um bom planejamento.

Sobre o planejamento, foram inúmeras as vezes que o abordamos neste material. Para ser preciso, a palavra apareceu 22 vezes! Além de determinação, precisamos de dinheiro para realizar os nossos sonhos, e essa talvez seja uma das etapas mais difíceis do processo, uma vez que exige bom planejamento, perseverança e disciplina. Existem técnicas que ajudam a estabelecer um plano de ação e atingir os objetivos propostos. Para começarmos, ao estabelecer uma meta, certifique-se de que ela seja:

Relevante: estabeleça metas que tenham significado para você e seus familiares. Se a meta for realmente importante, vocês terão motivação, força, habilidade e capacidade financeira para alcançá-la. O que os move é a importância dela em suas vidas. O melhor exemplo de meta relevante e engajadora talvez seja realizar o sonho da casa própria. Essa frase soa quase como um mantra para muitas pessoas.

Específica: a meta dá clareza ao que se pretende e de onde virão os recursos financeiros para atingi-la. São exemplos desta lógica pensamentos como: “Comprar um imóvel de R\$ 700 mil, preferencialmente em região próxima ao local de trabalho. Poupar 30% do valor do imóvel para

dar de entrada e assumir o financiamento bancário do restante. Utilizar o FGTS para ajudar a quitar a dívida”.

Temporal: defina em quanto tempo a meta deve ser atingida. Estabeleça início e término para cada objetivo, assim, você se programa mental e operacionalmente para trabalhar em direção a ele. “Acumular R\$ 210 mil em 60 meses, o suficiente para a entrada do imóvel”.

Possível: determine metas elevadas, desafiadoras, porém possíveis de serem cumpridas. Lembre-se de que seu orçamento contempla várias metas e que uma concorre com a outra. Obtenha a concordância das pessoas envolvidas, já que o esforço não será pequeno. “O dinheiro para a entrada será alcançado daqui a cinco anos, com a venda do carro e o corte de despesas, que gerará uma poupança mensal de R\$ 2 mil”. Se você avaliar que não consegue poupar essa quantia regularmente, ajuste seu planejamento, aumentando o prazo para a aquisição ou reduzindo o valor do imóvel. Em geral, o primeiro imóvel não é do tamanho do seu sonho, mas é o possível naquele momento. Depois do primeiro, o segundo é mais fácil.

Mensurável: meça com frequência o progresso em relação ao cumprimento de cada meta. O avanço em relação ao que se deseja atingir traz motivação para continuar. Ao definir com clareza quanto e como estão sendo gastos os rendimentos da família, o orçamento é um grande aliado para executar esta parte do processo. Além disso, mantenha uma planilha de controle dos investimentos feitos para acumular os recursos financeiros necessários.

Esses passos vão te ajudar a ter objetividade e, principalmente, a verificar se a meta está dentro ou fora dos objetivos traçados. Lembre-se sempre de que a simplificação ajuda você a descobrir que pode viver bem com menos.

Outro ponto importante: você vai viver mais! A expectativa de vida atual do brasileiro é de aproximadamente 80 anos. Muitos viverão até os 100. Há cerca de 30 anos a expectativa de vida dos brasileiros era inferior a 70 anos. A grande maioria trabalhou até atingir o direito da aposentadoria, mas, infelizmente, poucos puderam desfrutar a “melhor idade”.

A realidade hoje é bem diferente. Aposentados aos 60 anos, teremos mais 30 anos pela frente para viver e colher os frutos do que plantamos na vida ativa, durante a qual trabalhamos para ganhar dinheiro, formar um patrimônio, educar os filhos e nos preparar para, um dia, parar de trabalhar e viver de renda. Se a boa notícia é que você vai viver mais, a

má é que você precisa de mais dinheiro para financiar esta fase da vida. O modelo e a experiência dos juros reais acima de 10% ao ano não se aplicam mais. E a conjuntura econômica recente, assim como a taxa de juros bem abaixo da praticada há 20 anos, no período após o plano real, complica um bocado as coisas. Você não tem outra saída a não ser poupar mais dinheiro, além de começar mais cedo, e fazê-lo por um período mais longo.

Como saber se você está no caminho certo para se tornar uma pessoa rica? Segundo o dicionário Aurélio, riqueza é “qualidade de rico” ou “a classe dos ricos”. Rico, por sua vez, é o que “possui muitos bens e coisas de valor”. Essa é, provavelmente, a primeira definição de riqueza que nos vem à mente. Ela se refere à riqueza financeira, medida pelo patrimônio de uma pessoa. Evidentemente existem outros tipos de riqueza, de caráter não financeiro, talvez até mais importantes e essenciais na nossa vida. Cada um pode achar que é rico dependendo do seu propósito de vida, dos objetivos que traçou, da paixão que o move. Rica é a pessoa que goza de boa saúde; rico é quem vive em paz consigo mesmo; rico é aquele que não tem dívida e é feliz vivendo dentro de suas posses. O que é riqueza para você?



VOCÊ SABIA?

Brasil ganha novos bilionários: veja quem são os 20 mais ricos. Luciano Hang, Joesley e Wesley Batista estreiam na lista da Forbes, que tem 58 brasileiros com fortuna de 179,7 bilhões de dólares. O Brasil ganhou 16 novos bilionários, depois da melhora na economia e da abertura de capital de algumas companhias. Segundo o ranking anual da Forbes, o país tem 58 bilionários, cuja fortuna somou 179,7 bilhões de dólares. No ano passado, eram 42 pessoas com mais de 1 bilhão de dólares no bolso. Veja mais no link a seguir.

Fonte: <https://exame.abril.com.br/negocios/brasil-ganha-novos-bilionarios-veja-quem-sao-os-20-mais-ricos/>

Você já se perguntou se está no caminho certo para se tornar uma pessoa financeiramente rica? Que patrimônio você deve ter, de acordo com sua renda e idade, para ser considerada uma pessoa rica? No Brasil, não existem estudos disponíveis que ajudem a responder a essa pergunta. Mas podemos utilizar uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, pelos autores do livro “O milionário mora ao lado”, de Thomas J. Stanley e William D. Danko. Apesar das diferenças culturais, as conclusões indicam quais são os fatores determinantes para obter acúmulo de riqueza. Riqueza não é a mesma coisa que renda. Se você ganha uma boa renda todos os anos e gasta tudo, você não está ficando rico. Você só tem um alto padrão de vida. Riqueza é aquilo que você acumula e não o que você gasta. Outra percepção equivocada é a de que as pessoas são ricas por herança, por sorte ou porque são inteligentes e sabem como acumular riqueza. De acordo com a pesquisa, a riqueza é resultado de um estilo de vida feito com muito trabalho, perseverança, planejamento e autodisciplina.

Segundo os autores, os milionários que gostam de ostentar sua riqueza representam uma ínfima parte dos ricos da América. A maioria das pessoas ricas do país não mora em Beverly Hills nem na Park Avenue. Elas moram logo ali na casa ao lado.

O mais importante da pesquisa foi apurar os sete denominadores comuns entre os que conseguiram construir riqueza, são eles:

- 1.** Gastam bem menos do que ganham.
- 2.** Alocam tempo, energia e dinheiro eficientemente, com o objetivo de construir riqueza.
- 3.** Acreditam que independência financeira é mais importante do que *status* social.
- 4.** Não receberam ajuda financeira de seus pais.
- 5.** Seus filhos adultos são economicamente autossuficientes.
- 6.** São muito competentes para identificar oportunidades de mercado.
- 7.** Escolheram a ocupação certa.

A renda e a idade são fortes determinantes de quanto uma pessoa deve ter. É intuitivo imaginar que as pessoas de renda mais alta e que são mais velhas tenham acumulado mais riqueza do que as pessoas mais jovens, com renda menor. Os autores desenvolveram várias equações de riqueza com base em múltiplas variáveis. Mas existe uma regra bem simples, mencionada a seguir, indicada para definir o patrimônio líquido que se espera de alguém.

Multiplique sua idade pela renda anual bruta (antes dos impostos), gerada por todas as fontes de renda, exceto herança. Divida por 10. Esse é o patrimônio que coloca você na média da amostra.

Imagine que você tenha 40 anos, ganha R\$ 140 mil por ano e recebe juros de investimentos que adicionam outros R\$ 15 mil à sua renda. O valor anual de R\$ 155 mil (R\$ 140 mil + R\$ 15 mil) multiplicado por 40 anos totaliza R\$ 6.200.000,00. Dividido por 10, o patrimônio líquido sugerido para você é R\$ 620.000,00. Agora, se você tem 65 anos, renda anual de R\$ 240.000,00, seu patrimônio deveria ser de R\$ 1.560.000,00. Ambos representam exemplos de pessoas que têm potencial médio de acumulação de riqueza.

Em outra situação hipotética, imagine uma pessoa que tem 50 anos e renda anual de R\$ 100.000,00. Seu patrimônio líquido é de R\$ 250.000,00 quando deveria ter, de acordo com a equação da riqueza, R\$ 500.000,00. É bem provável que essa pessoa tenha propensão ao consumo, gaste acima da média das pessoas do mesmo grupo econômico e subestime fatores que são fundamentais para a construção da riqueza. Em outra situação, temos alguém que tem 50 anos, renda anual de R\$ 100.000,00. Seu patrimônio, de acordo com a equação da riqueza, deveria ser de R\$ 500.000,00. Contrariando as expectativas, o patrimônio líquido é de R\$ 1.100.000,00, mais de quatro vezes superior ao patrimônio da primeira pessoa, que tem a mesma idade e mesma renda atual. O que explica a diferença? Estilo de vida, perfil de consumo e objetivos de vida são alguns fatores que explicam a diferença. Se você quer se posicionar bem no seu grupo idade/renda, você deve ter o dobro da riqueza esperada, ou seja, aplique a equação de riqueza para apurar o patrimônio líquido e multiplique o resultado por 2.

E, como não vale ficar rico por herança ou sorteio de loterias, prepare-se para percorrer os passos que ajudam a construir a riqueza: (1) planejar, (2) orçar, (3) aprender, (4) ganhar, (5) poupar e (6) investir, além de muita disciplina.

É possível desfrutar a vida e acumular riqueza!



C

ONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação financeira é uma ferramenta essencial para garantir a estabilidade e a realização dos objetivos pessoais ao longo da vida. Ao longo deste e-book, abordamos diversos aspectos cruciais para a gestão eficaz das finanças pessoais, desde a elaboração de um orçamento, passando pelo uso consciente do crédito, até o planejamento de investimentos e a preparação para a aposentadoria.

A base de uma vida financeira saudável está na criação de um orçamento detalhado, que permite visualizar claramente as receitas e despesas. O controle orçamentário é o primeiro passo para evitar o endividamento desnecessário e garantir que os recursos disponíveis sejam utilizados da melhor maneira possível. Este material enfatiza a importância de estabelecer metas financeiras realistas e específicas, que estejam alinhadas com os objetivos pessoais e familiares. Metas claras e bem definidas ajudam a manter o foco e a motivação, facilitando o acompanhamento do progresso e a realização dos sonhos.

O uso do crédito é outro ponto de destaque. É fundamental entender que o crédito pode ser uma ferramenta valiosa quando utilizado com moderação e planejamento. No entanto, o uso indiscriminado pode levar a situações de endividamento crítico, comprometendo a saúde financeira. Este material fornece orientações sobre como utilizar o crédito de forma consciente, destacando a importância de comparar taxas e condições antes de tomar qualquer decisão de financiamento.

Investir o dinheiro de forma inteligente é um dos pilares para a construção de um patrimônio sólido. A diversificação de investimentos, a análise de riscos e a escolha de produtos financeiros adequados ao perfil do investidor são temas amplamente discutidos aqui. Este e-book apresenta diversas opções de investimentos, desde os mais conservadores, como a poupança e os títulos do tesouro, até os mais arrojados, como ações e fundos de investimento imobiliário. A compreensão dos diferentes tipos de investimentos e seus respectivos riscos é crucial para maximizar os rendimentos e garantir a segurança do capital investido.

Ademais, a preparação para a aposentadoria é um dos objetivos financeiros mais importantes e, muitas vezes, negligenciado pelas pessoas. O planejamento do seu futuro deve começar o quanto antes, permitindo que os juros compostos trabalhem a favor do investidor. Esse e-book sugere estratégias para acumular um patrimônio suficiente para garantir uma aposentadoria confortável, destacando a importância de considerar fatores como inflação, longevidade e custos com saúde. Além disso, o material explora as diferentes opções de previdência complementar, como os planos PGDL e VGDL, ajudando a escolher a melhor alternativa de acordo com o perfil do investidor e seus objetivos individuais.

Por fim, a educação financeira é um processo contínuo que requer disciplina, conhecimento e planejamento. Este e-book é um guia prático que visa capacitar os leitores a tomarem decisões financeiras mais informadas e seguras. Ao aplicar os conceitos e práticas aqui apresentados, é possível alcançar maior independência financeira, reduzir o estresse relacionado ao dinheiro e construir um futuro mais próspero e seguro para si e para a família. A chave para o sucesso financeiro está na implementação das estratégias discutidas, na adaptação contínua às mudanças econômicas e na busca constante por conhecimento.

R

REFERÊNCIAS

AUTH, Patrícia. CDBs que pagam mais de 115% da CDI com R\$ 5 mil. Disponível em: <https://www.euqueroinvestir.com/veja-a-lista-com-cdb-que-pagam-mais-de-115-da-cdi-em-investimentos-ate-r-5-mil/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

BCB. Banco Central do Brasil. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

BERTÃO, Naiara. Conheça os fundos de investimento e ações “queridinhos” dos mais ricos em janeiro. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/produtos/fundos/noticia/2020/02/12/conheca-os-fundos-de-investimento-e-acoes-queridinhos-dos-mais-ricos-em-janeiro.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2023.

BOA VISTA SERVIÇOS. Consumidor Positivo. Disponível em: <https://www.consumidorpositivo.com.br/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

BOCCHINI, Bruno. Pesquisa mostra que 58% dos brasileiros não tem investimentos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-08/pesquisa-mostra-que-58-dos-brasileiros-nao-tem-investimentos>. Acesso em: 29 dez. 2023.

BRUNI, Adriano leal. Matemática financeira: com HP 12C e Excel. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

CAMPOS, Álvaro. Volume diário no segmento de ações da B3 tem alta anual de 71,5% em setembro. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2019/10/11/volume-diario-no-segmento-de-acoes-da-b3-tem-alta-anual-de-715percent-em-setembro.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2023.

CEF. Caixa Econômica Federal. Disponível em: <http://www.caixa.gov.br/beneficios-trabalhador/fgts/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 29 dez. 2023.

CERBASI, Gustavo. Investimentos inteligentes. São Paulo: Sextante, 2019.
_____. Como organizar sua vida financeira. São Paulo: Sextante, 2015.

CVM. Comissão de Valores Mobiliários. Portal do Investidor. Disponível em: https://www.investidor.gov.br/menu/Menu_Investidor/fundos_investimentos/regulamento_antigo.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

_____. Instrução normativa CVM 472. Dispõe sobre a constituição, a administração, o funcionamento, a oferta pública de distribuição de cotas e a divulgação de informações dos Fundos de Investimento Imobiliário – FII. Disponível em: <http://www.cvm.gov.br/legislacao/instrucoes/inst472.html>. Acesso: 29 dez. 2023.

DESSEN, Marcia. Finanças pessoais: o que fazer com meu dinheiro. São Paulo: Trevisan Editora, 2014.

DOMINGOS, Reinaldo. Terapia financeira: realize seus sonhos com educação financeira. São Paulo: Editora DSOP, 2013.

FERREIRA, Roberto G. Matemática financeira aplicada: mercado de capitais, administração financeira, finanças pessoais. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FGC. Fundo Garantidor de Crédito. Disponível em: <https://www.fgc.org.br/garantia-fgc/sobre-a-garantia-fgc>. Acesso em: 29 dez. 2023.

FIESP. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Disponível em: www.fiesp.com.br. Acesso em: 29 dez. 2023.

GUNTHER, Max. Os axiomas de Zurique. 9 ed. Rio de Janeiro: Best Business, 2019.

HAZZAN, Samuel. Matemática Financeira. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
INFOMONEY. LCI e LCA: guia completo para começar a investir. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/guias/lci-lca/>. Acesso em: 29 dez. 2023..

_____. Fundos imobiliários: tudo o que você precisa saber para começar a investir. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/guias/fundos-imobiliarios/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

KHAN ACADEMY. Disponível em: <https://pt.khanacademy.org/>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MARTINS, Arícia. Endividamento das famílias em dezembro é o maior desde 2010. Disponível: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/01/09/endividamento-das-familias-em-dezembro-o-maior-desde-2010-aponta-cnc.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MASSARO, André. Liberdade financeira: mude seus hábitos para prosperar, fazer o dinheiro crescer e trabalhar a seu favor. São Paulo: Academia Editora, 2019.

MINHAS ECONOMIAS. Minhas economias. Disponível em: <http://minhaseconomias.com.br/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

OLIVEIRA, Arthur. Número de investidores em fundos imobiliários sobe 13% e atinge marco de 715 mil. Disponível em: <https://www.sunoresearch.com.br/noticias/fundos-imobiliarios-sobrem-b3/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

REIS, Tiago. Score de crédito: o que é o como aumentar a sua classificação? Disponível em: <https://www.sunoresearch.com.br/artigos/score-de-credito/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

SALOMÃO, Karin. Brasil ganha novos bilionários: veja quem são os 20 mais ricos. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/brasil-ganha-novos-bilionarios-veja-quem-sao-os-20-mais-ricos/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

SEABRA, Rafael. Quero ficar rico: tudo o que você precisa saber sobre dinheiro e criação de riqueza em 60 minutos. São Paulo: Editora Gente, 2016.

SERASA. Serasa. Disponível em: <http://www.serasaconsumidor.com.br>. Acesso em 07 ago. 2024.

TESOURO DIRETO. Tesouro Direto. Disponível em: <https://www.tesourodireto.com.br/>. Acesso: 29 dez. 2023.